N.º 252 — 11.º ano

16 JUNHO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)..................................	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias......................	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil..	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE:—2 0535

N.º 252 — 11.º ANO
16 — JUNHO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

O leitor sabe o que é um *slogan*? O significado primitivo dêste vocábulo de origem céltica era o do grito de guerra. Foram, portanto, *slogans* o «Por Santiago e Castela!» e «Por São Jorge e Portugal!»

Modernamente, porém, a publicidade apropriou-se do termo para designar essas frases concisas que, repetidas com insistência, servem para reclamar a excelência dum produto industrial ou as vantagens de determinada marca.

Este novo conceito do *slogan* é originário da América. O facto pode de certo modo surpreender os que contestam espiritualidade á civilização do Novo Mundo. Porque o *slogan* moderno é, antes de mais nada, uma descoberta psicológica.

Repita-se até à saturação uma frase curta contendo uma afirmação de caracter bastante discutivel, e ao fim de algum tempo vê-la-emos convertida numa verdade axiomática. A insistência transmite ás palavras um mágico poder de sugestão. O réclamo passa a exercer influência para além dos seus limites habituais, porque sob uma forma consciente ou não, fixa-se no espírito do eventual cliente e determina o seu julgamento.

Da América, o *slogan* espalhou-se a todo o Mundo. Entre nós, há muito que criou raizes. «O melhor café é o de B... » é um exemplo típico desta descoberta publicitária, de cuja acertada utilização depende ás vezes o êxito de certos produtos.

Ora é interessante verificar que, de longa data, os *slogans* têm aplicação corrente em matéria de política internacional. Durante a Grande Guerra, os Aliados combatiam «pela justiça e pela Liberdade», os alemães «por Deus e pelo Kayser». Entre os pacifistas de todo o Mundo teve depois larga repercussão o «fazer guerra á guerra». Mussolini empolgou o seu país com dois ou trés *slogans* a propósito da «afronta sancionista». Ao passo que a Alemanha tem feito da «igualdade de direitos» um uso bastante intenso.

Nem sempre um *slogan* consegue impôr-se. Ha imponderáveis que decidem do destino destas frases curtas destinadas a impressionar a opinião pública. E êstes comentários foram-nos justamente sugeridos por um desses *slogans* malogrados, que parecia no entanto reunir todas as condições para fazer longa carreira.

Foi o caso de, entrevistado ao desembarcar em Londres, o Negus ter declarado que viera á Europa defender os direitos «duma civilização de 25 séculos aniquilada em 25 semanas». Não é talvez aventurar muito, ver nesta frase o dedo do conselheiro norte americano que presta serviços junto do Imperador exilado, a quem Victor Marguerite chama o «Desertor», com *D* maiúsculo.

■

A S. D. N. está à beira de graves resoluções. Deve pôr-se têrmo ao regime sancionista? Deve manter-se a acção coercitiva do organismo genebrino? Qualquer dos caminhos comporta perigos gravíssimos para a existencia da instituição. Mas se o bom senso indica que a acção internacional nenhuma probabilidade tem de vencer os propósitos italianos, parece que só resta reconhecer a derrota de sistema de assistencia mútua e refazer as bases da política internacional.

Em qualquer dos casos, o futuro da S. D. N. é incerto e só uma diplomacia habilíssima pode impedir o seu desaparecimento total. Atribui-se à Inglaterra o projecto duma solução conciliatoria que ligaria as sanções à reforma do Estatuto da S. D. N. Aparentemente, não resta outra saída para tão complicada situação. Mas ainda nesta hipótese, há uma cousa que não poderá salvar-se: é o prestígio da Sociedade das Nações aos olhos da opinião mundial. As subtilezas diplomáticas não conseguirão convencer o «homem da rua», para quem o facto da conquista da Etiópia constitui a única realidade.

E há ainda quem pretenda que a S. D. N. não chegou ao fim dos seus embaraços. Madame Geneviève Tabouis, em geral bem informada sôbre êstes assuntos, não anuncia para o fim dêste mês a restauração dos Habsburgos na Austria?

■

Em todos os comboios que cruzam a superfície do globo existem dispositivos — manípulos, ou alavancas semelhantes — junto dos quais se lê em grandes caracteres «Sinal de alarme». E em tipo mais miudo as penalidades em que incorre quem dêle se servir sem absoluta necessidade.

Quais serão os casos de absoluta necessidade. Uma jovem inglesa, Rose Macauby, teve curiosidade de o saber e realizou um inquérito no seu país. Veio assim a descobrir que um dos motivos plausíveis para fazer funcionar o sinal do alarme, consiste para um dos cônjuges em viagem de núpcias o facto do outro ter ficado na plataforma à partida do comboio, não tendo podido embarcar por qualquer motivo.

Eis, portanto, um belo exemplo da galantaria inglesa. Serão os regulamentos ferroviáros portugueses tão tolerantes para os recem-casados como os que vigoram na Grã-Bretânha?

■

Em Hanovre, um homem acaba de festejar o nascimento do seu 33.º filho. O feliz pai chama-se Rothem é casado pela terceira vez e já tem 34 netos.

Aqui temos um «record» que nos dá que pensar. O caso passa-se na Alemanha, onde Rothem tem muitos competidores. E ao passo que naquele país a natalidade aumenta, em França decresce e em muitos outros países mantem-se estacionária.

Estes índices demograficos não significarão que na nossa época, sob os nossos olhos que não conseguem descortinar-lhe o sentido, se opéra uma transformação de incalculável alcance?

■

O grande escritor inglês G. K. Chesterton, que acaba de morrer, era uma das personalidades mais vigorosas e originais do nosso tempo. Espiritualista, na mais elevada acepção da palavra, tomara posição contra as formas materialistas da civilização moderna e os seus livros estão recheados de críticas deliciosas à vida social e às tendências do nosso tempo. Como Bernard Shaw, cultivava o paradoxo com naturalidade, o que mais atraenta torna a leitura da sua obra.

Não ocultava o seu desdem pelo progresos científico, tal como êle é hoje concebido. Um Mundo futuro, tal como o prevêem os romances de antecipação, não lhe merecia admiração alguma. Em seu entender, êstes romances careciam de qualquer imaginação, porque trabalham sôbre dados conhecidos. Uma criança — dizia êle — que ouviu falar nas botas das sete léguas, pode entreter-se a imaginar botas de 70 ou 700 léguas, sem revelar com isso um grande espírito imaginativo.

E num artigo do «New York Herald Tribune Magazine» escreveu:

«Assistimos a um desperdício enorme e anárquico das verdadeiras fôrças da invenção e da imaginação, porque êstes não se adaptam às estúpidas simplificações da publicidade e do comércio. Por minha parte, creio que um Mundo composto de famílias livres, vivendo em quintas livres, seria mais activo, mais avançado e mais próspero que o Mundo de organização comercial moderna. Do que não tenho, porém, dúvida alguma é que êle não poderia ser mais enfadonho e vazio.»

Chesterton tinha horror aos aperfeiçoamentos científicos, que se propõem simplificar a existência e afinal só contribuem para a privar de interêsse. E dizia a propósito que seria possível construir um bilhar mecânico que lançasse as bolas por um movimento mecânico e infalível. Um engenho desta natureza pouparia muito esforço ao jogador que, em posições incómodas, procura conseguir uma carambola dificil. Mas também é verdade que não lhe proporcinaria qualquer prazer.

Para remediar a tantos inconvenientes Chesterton construira um sistema teorico que êle dizia «baseado no princípio da propriedade, como outros se baseiam no da mecanização».

M. R.

DECORRIDOS 60 ANOS

Como Eça de Queiroz observava o mundo

quando era correspondente em Londres dum jornal português

O castelo de Windsor

Londres, 10 de Dezembro de 1887.

É impossível começar uma correspondência — é quási impossível começar uma carta particular — sem falar da França. A questão do Oriente está no último plano: apenas a gente se lembra de que há algures um país assolado pela guerra, milhares de homens que morrem, guarnições esfomeadas, generais heroicos, cidades tomadas, um Czar impossível, e um Sultão absurdo! O que lembra é a França. Quais são as notícias da França, hoje? — é a pregunta inglêsa de antes do almoço.

É da França que se ocupam os literatos políticos nos seus artigos de fundo, os caricaturistas nos seus desenhos, os sacerdotes nos seus sermões e os autores de cançonetas nas suas rimas.

Falemos, pois, da França. E, em primeiro lugar, façamos justiça ao marechal de Mac-Mahon.

Este excelente homem não é culpado em coisa alguma do que se têm passado em França dêsde 16 de Maio: velho, um pouco reumático, entendendo alguma coisa de soldados, e muito de jardinagem, ocupando-se imensamente das suas rosas e de seus lilazes, e quási nada do seu país, um pouco apertado de dívidas e cheio de um humor condescendente e amavel — o presidente da República não é um carácter, é um cabide.

Um grupo intrigante, fanático, egoísta, glutão de poder, imoral, ridículo — ridículo se não fôsse trágico — serve-se dêle como dum aparelho de pau, onde dependura decisões e as suas frases.

Este grupo, que se compõe de padres astutos, de devotos elegantes, de doutrinários de galão, dalguns caducos aristocratas doutras eras e de ajudantes de campo, crivados de dívidas, cheios de galões e abundantes de facécias, êste grupo têm uma ambição decente: possuir a França — para seu uso em primeiro lugar e um pouco para uso do papa também. Possuir a França, dispôr do seu exército, das suas finanças, de tantos empregos a dar, representá-la diante do mundo, fazer honras da casa por ocasião da exposição, ocupar os seus palácios, tratar, de *mano a mano*, imperadores e rainhas, entrar na história, ainda que seja com uma chave falsa, — é, realmente, devemos confessá-lo, muito agradavel. E o marechal de Mac-Mahon, ou antes o grupo que o inspira e que lhe puxa os cordeis — têm realmente tôda a razão em querer guardar a *pósta*.

Sòmente há uma certa entidade que se opõe a esta amavel combinação, e que se chama a França republicana: é quási nada: são apenas dez milhões de eleitores. Esta entidade têm a loucura de querer que a França pertença, não a um grupo equívoco de batinas e de sáias, mas que se pertença a si mesma. Esta entidade é, portanto, considerada no Eliseu como perfeitamente plebeia, impertinente, grosseira e perigosa para os interêsses dos bispos e das duquezas.

Que se ha-de fazer, portanto, a esta entidade? Esmagá-la, como? Dar-lhe um nome feio, chamar-lhe radical, atribuir-lhe intenções criminosas, e usar por isso todos os meios de as repelir — pelas eleições ao princípio, pelos tiros depois. Tentou-se primeiro a eleição: a intriga falhou: a entidade temida, a França republicana tornou-se mais ameaçadora e mais forte.

A rainha Victoria, o príncipe consorte e filhos

Que resta, portanto? Tentar o tiro. E vamos ter tiros, verão.

Aqui ninguem duvida de que o marechal vai obter uma segunda dissolução; a Câmara dos Deputados é natural recusar-se a obedecer, e constituir-se em convenção: o marechal manda contra a Câmara alguns regimentos: que fará então o povo? Que farão então os soldados?

Esta última questão é grave: qual será a atitude do exército? Terá a obediencia passiva e estúpida dos primeiros tempos do império: — ou mais educado, mais saído do seio do povo, tendo simpatias republicanas, recusar-se-ia a tentar a destruição da República?

Esta é a questão: tôdas as tentativas de compromisso são efémeras: o fundo da discussão é esta: — a França republicana quere que o marechal sáia — e o marechal não quere saír. Não quere saír porque se acha bem: a marechala quere fazer aos reis e aos príncipes as honras da exposição: os padres que a cercam não querem que o triunfo da República inaugure uma política anti-papal; o visconde de Harcourt, alma danada (ao que dizem) desta intriga, não quere perder os salões do Eliseu, onde triunfa, e onde é leão: o duque de Broglie não quere abdicar da sua influência oculta ou clara, no govêrno da França: ninguem quere saír, todos se acham confortaveis no poder. E, como não pódem cohabitar com a República, hão-de fazer tudo tudo para que a República sáia. Para isso, contam com uma espingarda: resta saber se a espingarda lhes rebentará nas mãos.

* *

Os negócios da Turquia vão mal. Os generais a que o Sultão concedera o título sonoro de *vitoriosos* — começam regularmente a ser vencidos. Mouktar-Pachá, na Asia, viu o seu exército destruído: e Osman-Pachá, na Europa, teve de entregar Plewna, render se sem condições, depois de uma luta heroica, em que êle foi gravemente ferido. Faltam detalhes dêste desastre, mas as suas conseqüências são terriveis: os russos podem agora arremessar contra Suleyman, ou contra Mehemet Ali, o grôsso dos exércitos que cercavam Plewna. E aquêles generais diante dos números superiores de tropas exaltadas pela vitória, com boas comunicações asseguradas, e tendo ganho numa campanha de 5 ou 6 mêses, uma experiência militar, onde os êrros se tornam mais raros. Plewna fez, no entanto, uma defesa admiravel: parece que (ao contrário do que diziam os jornais amigos da Turquia, afirmando que as provisões abundavam dentro da cidade) o exército de Osman-Pachá morria de fome: os primeiros gritos dos soldados rendidos, por pedir pão! Compreende-se que Osman-Pachá quizesse fazer uma sortida desesperada, e, colhido pela frente e pela rectaguarda, sucumbisse numa luta desigual. Quási 100 mil homens cercavam Plewna: os reforços aglomerados ultimamente, elevavam êste número a 150 mil. Osman-Pachá não devia ter mais de 35 a 40 mil soldados, que as privações, a fome, o desalento, tornavam de pouco uso, perante fôrças bem providas.

Agora, o caminho para Andrinopla está aberto, ou, pelo menos, os exércitos turcos em campanha, não são bastante fortes para se opôrem ao grôsso do exército russo, logo que êle tenha êsse objectivo.

Andrinopla póde oferecer uma resistência prolongada: mas os russos não se demorariam nas operações difíceis dum áspero inverno, nem quereriam renovar os assaltos mortíferos que dizimaram as suas fôrças nas primeiras tentativas contra Plewna: e, portanto, o mais natural é que deixem diante de Andrinopla uma fôrça de observação, que torneiem a cidade e se dirijam a Constantinopla.

E aí é que começa uma nova fase da guerra: ou campanha diplomática, ou conflito geral, ou então a paz!

E' agora que se vão vêr as verdadeiras intenções da Rússia. Se fez a guerra com um fim puramente cristão, e, libertada, está já, pelas vitórias ganhas, no direito de propôr a paz, impondo à Turquia condições que garantam a felicidade das populações eslavas: se, porém, a virem avançar para Constantinopla, então ela descobre a garra conquistadora, e resta saber o que dirão a Inglaterra e a Austria.

* * *

O acontecimento mais notável da última quinzena em Londres, foi o casamento do duque de Norfolk, o primeira fidalgo da Inglaterra, conde marechal do reino, chefe do partido católico.

Tôda a alta aristocracia papista assistiu à cerimónia, que foi celebrada na capéla dos padres do oratório Brompton com um esplendor romano. A noiva é *lady* Flora Hasting's, filha da condessa de London, novamente convertida ao catolicismo; os presentes que recebeu são duma prodigalidade e dum luxo incomparável: entre a profusão de joias, colares de diamantes, colecções de rubís sem igual, adereços de safiras que levaram anos a colecionar, montes de pérolas inegualáveis, aparecem dois presentes notáveis: um é uma relíquia dum santo, S. Tomaz de Aquino, creio eu: outro é um colar de diamantes e rubís que pertencera a Maria Stuart, e que entrara por herança nas joias de Norfolk.

A rainha que, nêstes casamentos aristocráticos faz, segundo a tradição, um presente à noiva, desta vez absteve-se. Daqui, grande escândalo. Ordinariamente, o presente da rainha é um rico chale de cachemira: e são tantos os que distribui, que parece que em Windsor ou no Palácio de S. James deve haver armazens subterrâneos atulhados daquêle vistoso artigo.

Os jornais alegres, preguntam todos com grandes facécias, porque é que no casamento do primeiro nobre de Inglaterra, dum parente de reis, que na côrte tem lugar antes dos príncipes, Sua Majestade não deu, ao menos o chale.

Que dê o chale! — grita a imprensa satírica.

Porque é um êrro continental supôr que a rainha de Inglaterra é cercada duma tal veneração, que a pilhéria não se atreva a transpôr ás portas do paço. Não; a rainha, como outra qualquer mortal, é (quando isso é justo), criticada, epigramatizada, e caricaturada: e, nesta ocasião, a ocorrência do chale têm sido objecto de muito grossa jovialidade saxónica.

A verdade é que a rainha ofendeu todo o partido católico; diz-se que a razão da sua abstenção foi o ser *lady* Flora uma nova convertida, e o detestar a rainha as novas convertidas. Admite as antigas famílias católicas, mas as conversões recentes são-lhe particularmente antipáticas.

Eça de Queiroz — caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro

Uma condessa muito ilustre, e ainda mais bonita, casada com um católico, mostrava tendência ultimamente de *passar para Roma*, como aqui se diz. A rainha, na última recepção, chamou-a, e disse-lhe simplesmente: — «Não há nada piór para uma senhora que abandonar a religião de seus pais!»

Foi o bastante: a pobre condessa, perdeu tôda a veleidade de beijar a chinéla do papa; ficou-se no protestantismo por ordem superior.

Acho êste caso delicioso. Uma devota, morrendo de desejo de ouvir uma boa missa cantada, ou de seguir o mês de Maria, é obrigada a contentar-se com a sêca leitura da Bíblia para não desagradar ás reais pessôas.

* * *

A propósito da religião, oiço dizer, mas não o garanto, que o príncipe Leopoldo, o filho mais novo da rainha, se vai fazer padre. Este môço, duma natureza e duma têmpera muito diferente da dos irmãos, letrado, um pouco poeta, místico, e extremamente doente, daria talvez nos tempos passados um daquêles príncipes, que edificavam um mosteiro, e na falta de um reino temporal, ali ficavam governando um pequeno povo de monges, escreviam um tratado sôbre o meio de expurgar o demónio, e obtinham pela sua parentela real, uma canonização em Roma.

* *

As façanhas da fôrça muscular repetem-se, sôb as fórmas mais inesperadas; depois dos sujeitos que nadam vinte léguas em dôze horas; depois dos indivíduos que caminham em volta dum circo 500 milhas em três dias, temos agora um novo heroi: o homem que valsa seis horas consecutivas. Este maganão é débil, esguio, aloirado, frisado, com uns olhinhos vivos, ademanes nervosos, e uma voz de grilo.

Rainha Victoria

Das 6 da tarde á meia noite, valsa, valsa, valsa, sem respirar mais alto, sem suar, sem se lhe desmanchar o frisado, cansando vinte, trinta, quarenta pares, e bebendo, sempre a valsar, caldos pelo bico dum bule. E' sublime e odioso. Na primeira hora, o espectáculo é trivial e pouco elegante porque o homem que valsa piór que qualquer dançarino; na segunda hora, o facto começa a surpreender; na terceira hora, principia-se a achar extraordinário e não se vêem senão pelos cantos da sala mulheres extenuadas que o maganão esfalfou, valsando, valsando; na quarta hora, o caso torna-se fenomenal, a cabeça anda á roda; na quinta hora, começa-se a ter ódio áquela personagem que, com um sorriso ameno, gira, torneia, perpassa, delira, sempre á roda, sempre á roda; na sexta hora, a gente começa a ter vontade de matar o mariola; felizmente há polícias; mas a impressão é terrível, e vem-se para a rua, sentindo as casas, os candieiros, as carruagens valsar, valsar com um sorriso e cabelos frisados.

E' um espectáculo medonho!

* *

Agora, uma notícia triste: o nosso amigo Pongo morreu, o ilustre gorila. Fôram chamados os médicos mais ilustres, mas os seus dias estavam contados pelas Parcas que se ocupam de macacos.

Pensou-se, a princípio, que o clima, a nostalgia, ou talvez o tédio o teriam morto, mas os anatomistas, que o abriram para o estudarem, mostraram que o mal que o destruiu tinha uma coisa bem mais natural num macaco: dentro do estômago do ilustre Pongo, acharam-se pregos, um pequeno canivete, rôlhas, um luneta, uma luva, um cabo de guarda-sol, e outras curiosidades.

Este avô da raça humana não tinha da escôlha dos seus alimentos, nem mais discernimento, nem mais dignidade que um qualquer réles macaco, de meia moeda o casal.

Grande desilusão!

Eça de Queiroz.

"O TREVO DE 4 FOLHAS"

O cinema nacional conta mais uma produção — «O Trevo de 4 folhas» — e marca com êle progressos nítidos que nos enchem de satisfação. O filme de Chianca Garcia tem movimento. Podemos mesmo dizer que tem desinvoltura. Leva vantagem aos que o antecederam na ausência de ingenuidades ridículas, de certa timidez desastrada, que assinala a nossa iniciação na arte das imagens animadas. Isto só por si constitue um progresso notável. Mas reforçam-no outras qualidades a que importa fazer justiça.

Em «O Trevo de 4 folhas» o cinema nacional sobe ao nivel das produções estrangeiras, se não em argumento e interpretação, pelo menos sôb o ponto de vista de factura técnica. A composição e ordenação das imagens é correcta. Não houve o propósito de innovar, mas sim o de adaptar fórmulas modernas e bem assentes. Reconhece-se que presidiu à realização um sentido exacto de «découpage», em que não se sentem hesitações ou desfalecimentos. Como conseqüência, as imagens encadeiam-se com harmonia, e a acção mantem sempre plena intensidade.

Dos restantes factores técnicos pouco há a dizer, pois oferecem a regularidade a que a produção estrangeira nos habituou. Notámos, contudo, na fotografia — que dum modo geral é boa — certa falta de uniformidade, que prejudica o conjunto.

E' evidente que «O Trevo de 4 folhas» tem outros defeitos. Seria inconcebivel que assim não fôsse. Se adiante os assinalamos não é porque nos anime qualquer má-vontade contra os que nêle colaboraram. Nem tão pouco por espírito de puro derrotismo, vício que é costume atribuir-se aos que tardam em se extasiar.

Num artigo de origem indeterminada, que um jornal da tarde publicou há dias, faziam-se reparos ao facto de poucos críticos se terem referido à «trouvaille» essencial do argumento, ou seja, à figura do «homem que se parecia com tôda a gente». Houve talvez uma razão para assim se passar em silêncio um aspecto tão importante do filme. Nós explicamos o facto pela tradicional benevolência da crítica no nosso país.

Porque, com boa verdade, a referida «trouvaille» é um êrro. Poderiamos dizer que, quando tantas obras dramáticas baseiam uma acção animada na existência de dois sósias. — «O sr. Conde» em cena no Nacional é um belo exemplo — em «O Trevo» são necessários seis, oito, um número incontavel, para se obterem afinal bem modestos resultados. Mas o defeito principal não está nisto. Está em que «o homem que se parêce com tôda a gente» é um tema literário, que resulta despropositado e absurdo no cinema. Cada modalidade artística tem as suas convenções. Um escritor engenhoso pode convencer os seus leitores da existência dêsse personagem. Mas o espectador, ao ver na tela a fisionomia tão característica e pessoal de Nascimento, recusa-se a admitir essa hipótese. E a partir dêsse momento está cortado o fio condutor que o devia ligar ao filme e arrastar sem relutância no decorrer da acção.

Outro factor medíocre foi introduzido no filme: certos diálogos de feição cómica, dum género que pertence mais à revista que ao cinema. Citemos, como exemplo, a cena no vestíbulo do «Palace» em que, a propósito dum quadro, se multiplicam os trocadilhos de fraco gôsto.

A interpretação consideramo-la boa nas primeiras figuras e deficiente nas restantes. Beatriz Costa tem no teatro criações melhores. Mas afirma as suas grandes faculdades de adaptação no desempenho de dois papeis distintos. E para quem conhece as condições em que o trabalho do estúdio é feito, a maleabilidade do seu talento ficou plenamente demonstrada.

Nascimento Fernandes é o melhor dos intérpretes. Apenas se lhe nota certo constrangimento nos primeiros planos, derivado talvez do receio de que o seu gesto largo ultrapasse o campo visual. Noutras cenas há ligeiras hesitações no seu jôgo fisionómico tão animado e expressivo. Um segundo filme corrigirá sem esforço estas pequenas imperfeições.

Procópio Ferreira não tem o físico adequado ao papel. Mas encontra meio de se defender com as eminentes qualidades que possue.

Mafalda surpreende-nos. Não se limita a dançar admiravelmente. Representa também com muito acêrto um papel de grande importancia.

Manuel L. Rodrigues

Em cima : ***Beatriz Costa.*** **Ao lado :** ***Uma cena com Mafalda, Sacramento e Nascimento Fernandes.*** **Em baixo :** ***Beatriz Costa e Mofalda***

A Exposição de Arte e Técnica na Vida Moderna

que vai realizar-se em Paris no próximo ano

Vai realizar-se no próximo ano em Paris a Exposição de Arte e Técnica na Vida Moderna. Será mais uma bela afirmação da extraordinária vitalidade do povo francês e um acontecimento mundial das mais largas repercussões. Como da sua designação resulta, o grande certame de Paris tem por objectivo registar a influência da Arte na existência do nosso século. Os seus organizadores propõem-se demonstrar que nenhuma incompatibilidade existe entre o útil e o agradável e que, pelo contrário, a Arte e a Técnica devem estar indissoluvelmente ligadas. O pensamento filosófico que preside à organização do certame pode, portanto, definir-se assim; o progresso material, quando se desenvolve sob o signo da Arte, favorece a expansão dos valores espirituais, património supremo da humanidade. Nas virtudes dêste princípio, em época de tão acentuada decadência espiritualista como a nossa parece-nos inútil insistir.

A Exposição de Paris estará portanto aberta a tôdas as produções que manifestem um carácter indiscutível de arte e novidade. A admissão será inspirada na ideia de adaptar a produção às possibilidades de compra por parte das diversas categorias de consumidores.

Os ramos de actividade cuja representação está prevista são numerosos. O quadro de classificação anexo ao programa há pouco editado em Paris estabelece secções para a arte da habitação, da jardinagem, da decoração, do mobiliário, do teatro, do cinema, da radiofonia, da publicidade, etc. As produções apresentadas em conjuntos nacionais ou regionais, traduzirão, dêste modo, os aspectos modernos da vida individual ou colectiva no quadro da cidade, do campo, da fábrica e até nas mais longínquas colónias.

Como todos os grandes certames do seu género, a Exposição de Paris de 1937 terá como suprema função estimular o intercâmbio da cultura e de riqueza entre os povos. A França espera, pois, justificadamente, que ela constitua uma manifestação grandiosa de colaboração internacional nos domínios do pensamento, da Arte e do trabalho.

A preparação do certame de Paris vem sendo, há muito tempo, objecto de grandes esforços. Eis alguns pormenores do plano previsto para a sua efectivação.

Segundo a lei de 6 de Julho de 1934 a área destinada à Exposição compreenderá:

a) uma parte principal cobrindo a superfície aproximada de 30 hectares, instalada no centro de Paris, sôbre as margens do Sena;

b) um anexo com a superfície de cêrca de três hectares e meio, instalado num terreno proveniente da terraplanagem da cintura fortificada da capital francêsa e destinado a uma secção internacional consagrada à Habitação;

c) outro anexo com a superfície aproximada de onze hectares instalado no Parque de Sceaux e destinado a uma secção internacional consagrada à árte da Jardinagem.

A Exposição deve inaugurar-se em Abril e está-lhe prevista uma duração máxima de seis meses.

Para a adaptação da zona central de Paris consagrada à Exposição propuseram-se vários projectos no sentido de modificar a arquitectura dessa parte da capital, dando-lhe um aspecto de absoluto modernismo e adaptando-a às exigências do certame. Muitos desses projectos, apresentados pelos mais eminentes arquitectos franceses, ofereciam real interesse, embora alguns fôssem de difícil execução. O juri encarregado de deliberar sôbre tão delicado assunto — de que depende em certo modo o êxito da exposição — optou por um que implica a demolição do Trocadero e a execução de novos edifícios para o substituir. Os trabalhos para efectivação desse plano começaram já, como se sabe, e prosseguem num ritmo acelerado, de modo a poderem ficar completos numa data que permita a instalação das diversas secções a tempo.

Pelas fotografias das «maquetes» do novo Trocadero que ilustram esta página pode o leitor formar uma ideia do majestoso aspecto que a Exposição oferecerá.

Fanny Koucher.

Dois aspectos da «maquette» da parte principal da Exposição, na área outrora ocupada pelo Palácio do Trocadero

TENDÊNCIAS POLÍTICAS NO EXTREMO ORIENTE

Expansão japonesa na China do Norte

Fases dum conflito destinado a colocar vastas regiões sob a influência nipónica

Uang-Chin-Uei, ministro das Finanças, que foi alvo dum atentado

Enquanto o Japão «penetra», mais ou menos pacificamente na China, a Sociedade das Nações debate-se em transes aflitivos, assoberbada por problemas que lhe tocam mais de perto. Não admira, portanto, que Genebra não dê atenção ao que se passa no Extremo Oriente.

Contudo, por uma dessas contradições em que a política do nosso tempo é fertil, a China faz parte da S. D. N. e nessas condições o seu delegado é convidado a pronunciar-se sôbre as violações do Pacto cometidas pela Itália e a colaborar nas sanções destinadas a reconduzir o infractor ao caminho da legalidade. Não são precisas subtilezas jurídicas para demonstrar que todos os argumentos invocados contra a Itália o poderiam ter sido desde há alguns anos contra o Japão.

Dirão os defensores do organismo genebrino que a China se absteve de formular protestos enérgicos e se limitou a frouxas reclamações, que, mesmo assim, serviram de pretexto ao Japão para romper com a S. D. N. As razões são obvias. Chamar a polícia é sempre perigoso se ela está longe e os agressores estão perto. E muito mais quando a força e autoridade dessa polícia inspiram medíocre confiança.

A S. D. N., criada para policiar o Mundo, encontra-se perante uma tarefa que excede as suas possibilidades. As encruzilhadas internacionais estão à mercê do mais forte. No fundo, a situação nada tem de original. E' o natural desenvolvimento dum processo histórico em que o único pormenor novo é a assembleia de Genebra esmagada pelo peso das responsabilidades.

Resulta disto que, nos tempos presentes, invocar o direito consubstanciado em pactos, acordos ou tratados, além de ser seguramente ingénuo, pode tornar-se também arriscado. O facto consumado — como usa agora chamar-se à violação pela força das convenções internacionais — sobrepõe-se aos artigos e parágrafos que os diplomatas elaboraram. Um protesto enérgico do lesado só pode ser dignamente seguido por uma política de fôrça. E como o caminho é perigoso, os paises fieis às tradições da velha diplomacia não se atrevem a aventurar-se por êle. Contentam-se em procurar fórmulas que dêem às questões um semblante de legalidade. Salvar as aparências do Direito e diferir para mais tarde a resolução dos problemas inquietantes, tais são as tendencias predominantes na política do nosso tempo, que tem nos métodos genebrinos a sua mais perfeita representação.

Quem ignora que a politica de expansão nipónica se faz com manifesto desrespeito do Tratado das Nove Potências, que garante a integridade territorial da China e estabelece a livre concorrência comercial naquele mercado? Digamos de passagem — o facto é talvez pouco conhecido entre nós — que Portugal pertence ao número dos signatários desse Tratado, a que se encontram tambem ligados a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, a Belgica, a Holanda, a Italia e, evidentemente, o Japão.

A existência dêsse tratado só tem provocado tímidas alusões A verificação pública da violalação por êle sofrida viria criar uma situação delicada. Só há um meio de evitá-la: simular a mais cândida ignorância de tudo o que se está passando.

Esta tactica da dipiomacia não deve impedir-nos, porém, de seguir os acontecimentos com extrema atenção. Porque, tanto pela novidade dos métodos empregados, como pela envergadura da acção e suas conseqüências futuras, a penetração japonesa na China constitue um dos acontecimentos dominantes na nossa época.

A questão entrou agora numa fase aguda, que não é a primeira e não será provavelmente a última. Prepara-se a incorporação efectiva e irrevogável da China do Norte na esfera da influência nipónica. E' mais um episódio do processo de deglutição que em poucos anos permitiu ao Império do Sol Nascente absorver vastos territórios e que ameaça estender-se a todos os povos da raça amarela.

Pu-Yi, imperador da Manchuria

As fases da actual operação oferecem um incontestável interêsse e apresentam um aspecto dramático na medida em que contribuem para aproximar os japoneses dos russos — êstes ultimos representados no caso presente pela Mongolia Exterior, que Moscovo constituiu em barreira por meio duma verdadeira aliança militar.

O movimento que os japoneses classificam de autonomista, por ser êsse o caracter que lhes convem imprimir-lhe, começou na China do norte em Novembro do ano passado. Em boa verdade limitou-se a uma proclamação de Yin-Ju-Keng, arbitràriamente feita em nome de 25 distritos da região. As relações de família e de interesses dêste político com os japoneses — é cunhado duma importante personalidade nipónica — tiram ao seu acto qualquer significação. Sir Frederick Leith-Ross, conselheiro económico britânico, após o regresso da sua viagem à China declarou na Imprensa não ter encontrado um único chinês que fôsse partidário desse pretenso movimento autonomista. Isto, conjugado com outros indícios, demonstra a inconsistência do expediente que serve apenas os desígnios de expansão nipónicos.

Chang-Kai-Chek, ao ter conhecimento da proclamação autonomista, telegrafou ao general Chang Cheng, governador da província do Ho-Pei e representante do poder central, dando-lhe ordem para prender Yin-Ju-Keng.

A execução destas instruções não era, contudo, fácil numa região que se encontra de facto ocupada pelas tropas japonesas, sob os mais inverosímeis pretextos. Chang Cheng, com a subtil diplomacia que é tradicional no seu país respondeu que se considerava responsável pelos acontecimentos e, por êsse motivo, apresentava a sua demissão. Desobrigava-se assim duma ordem que de antemão sabia não poder cumprir.

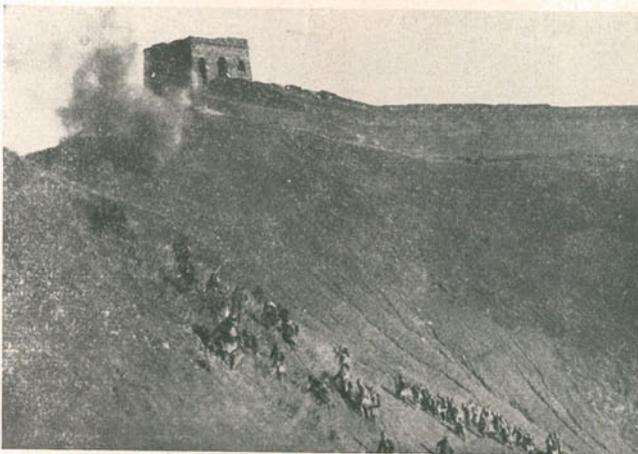
Aceita essa demissão, Chang-Kai-Chek convidou o general Sung-Che-Yuang para o cargo de comissário pacificador do Ho-Pei e Cha-Har. Mas êste, não menos hábil, insistiu em considerar-se indigno duma tal honra e não aceitou a missão que lhe era oferecida.

Entretanto, os japoneses apressavam a evolução do suposto movimento autonomista por uma série de operações militares de caracter ameaçador. O Exército de Kuang Tung realizou oportunas manobras que levaram a ocupação efectiva de numerosos pontos, entre êles o entroncamento de Feng-Tai, vinte quilómetros ao sul de Pequim. Ao mesmo tempo, as autoridades nipónicas tomavam conta dos correios e telégrafos. Receando que os chineses retirassem da linha férrea ocupada o seu material circulante, os japoneses determinaram que cada vagão transferido para o sul fôsse compensado por outro enviado para o Norte. O facto consumado era assim imposto em condições que só restava aos chineses, conscientes da sua inferioridade militar, procurarem uma solução conciliatória.

Chang-Kai-Chek segue sem esfôrço a política das transigências para com o Japão. Aguarda dias melhores? Procura apenas conservar a sua cómoda posição pessoal? Eis o que é difícil dizer. Mas é fóra de dúvida que a grande maioria dos chineses, agitada por sentimentos anti-nipónicos, vê com desagrado esta atitude passiva ante as arremetidas japonesas que ameaçam absorver a China por completo. Esse sentimento nacionalista é sobretudo vivo ao Sul e isso justifica que tenha partido do Govêrno de Cantão a iniciativa de se opôr por todos os meios ao progresso dos japoneses.

Esta decisão, que é interpretada como uma declaração de guerra, coloca Chang-Kai-Chek numa posição extraordinariamente difícil. Que vai fazer o célebre generalíssimo que orienta os destinos da China? Para entrarem em contacto com os japoneses as fôrças expedicionárias de Cantão devem atravessar as regiões que estão sob a sua autoridade directa. Tolher-lhes-á o passo? O mesmo seria que pactuar com o japoneses e isso valer-lhe-ia o ódio de todos os nacionalistas. Consentir-lhes o avanço? Os japoneses não deixariam de considerar o facto como acto de hostilidade e a feliz tranqüilidade do generalíssimo em breve teria terminado.

A execução metódica do plano japonês prova que êste foi estudado com minúcias. Os observadores familiarizados com as questões do Extremo-Oriente não hesitam em reconhecer nêle a mão do famoso coronel Kenji Doihara, conhecido pela designação do «Lawrence japonês». Só êste homem extraordinário que alia uma diplomacia subtil a uma hábil política de corrupção poderia ter traçado com tanta segurança o caminho a seguir para a posse definitiva e incontestada das vastas provincias do Norte da China.

Recordemos que o Estado manchu — sem dúvida uma das mais assombrosas realizações políticas do nosso tempo — é essencialmente obra sua. Foi Doihara que, partindo do assassínio do capitão japonês Nakamura por soldados chineses em 1931, e explorando habilmente os acontecimentos, preparou o ambiente para o avanço das tropas japonesas que conduziu à proclamação dum Govêrno autónomo. Para chefe desse novo Estado, Doihara pensou em Suan Tung, antigo soberano da dinastia manchu, que vivia em Tien Tsin usando o nome particular de Pu-Yi. Era preciso trazê-lo para a Manchuria e o famoso coronel tomou o encargo de ir convidá-lo pessoalmente. Pu-Yi recusou, receoso das conseqüências. Mas Doihara fez-lhe ver que essa atitude podia ter conseqüências desagradáveis. Alguns dias mais tarde o futuro imperador recebia um cêsto de fruta, dentro do qual era encontrada uma bomba. Quasi simultaneamente produziam-se em Tien Tsin tumultos anti-nipónicos, que alguns pretendem terem sido fomentados por Doihara.

Pu-Yi saiu então de Tien Tsin, mas a sua partida revestiu-se de aspectos tão suspeitos que a embaixada japonesa de Pequim se considerou obrigada a publicar o seguinte esclarecimento:

«O ex-imperador Pu-Yi, que habitava na concessão japonesa de Tien Tsin no momento em que eclodiram os tumultos, receou pela sua segurança pessoal e solicitou a protecção das autoridades japonesas. Inspiradas apenas em considerações humanitárias, as autoridades japonesas aquiesceram ao desejo do ex-soberano e decidiram conduzi-lo para lugar seguro. Como o govêrno japonês deseja que o sr. Pu-Yi não seja arrastado no turbilhão da política enquanto se encontrar sob a sua protecção, considera seu dever tomar medidas no sentido de evitar ao sr. Pu-Yi o contacto indesejável com o mundo exterior».

汪兆銘

Chan-Kai-Chek, a sua assinatura e o seu sinete

Pouco tempo depois, a Manchúria proclamava a sua «independência» e Pu-Yi era eleito Chefe do Estado provisório, vindo mais tarde a ser coroado imperador. Por sua vez o coronel Doihara era promovido ao posto de general.

Vencida esta etapa, o famoso «Lawrence japonês» consagrou-se à China do Norte. Vimos já como as suas concepções ali germinaram.

No momento actual a questão consiste em saber se vamos assistir a uma guerra civil na China ou a uma guerra sino-japonesa. Em qualquer dos casos, o acontecimento terá um valor episódico a par do grande problema asiático que reside no antagonismo russo-nipónico. Mas pode sem dúvida ser a faísca destinada a provocar a deflagração.

Em última análise, nada disto impedirá a submissão da China do Norte à hegemonia nipónica. Se dermos crédito às opiniões dos circulos autorizados de Nanquim, a política de Cantão é mesmo resultante duma maquinação japonesa, destinada a permitir no seu Exército uma acção decisiva sob o pretexto de que se encontra ameaçado. A ser assim os acontecimentos poderiam precipitar-se e tomar um aspecto desastroso para a China, o que de resto pouco nos surpreenderia.

Num plano mais extenso, quais serão as conseqüências duma absorção da China pelo Japão? Há quem pretenda, baseado em exemplos históricos, que o número acabará por triunfar e que os japoneses serão, afinal, «digeridos» e assimilados pela massa formidável dos chineses. A hipótese é aceitável. Mas quando isso suceder, a raça amarela terá atingido um desenvolvimento de tal ordem que não nos são permitidas previsões muito optimistas sôbre o futuro da raça branca.

Uma fase da penetração japonesa. Um ataque à muralha da China, quando da ocupação da provincia de Jehol

FREDDY BARTHOLOMEW

foi vendido aos 5 anos por 1000 libras

Um escandaloso processo familiar

O pequeno artista Freddy Bartholomew com miss Mabel, sua tia e tutora

FREDDY BARTHOLOMEW é hoje um dos grandes nomes de cinema. O seu ordenado eleva-se a 1250 dólares por semana. Em boa verdade, desta quantia só pode retirar 10 dólares para as suas despesas pessoais. O resto é previdentemente capitalizado e excede já uma centena de milhar de dólares. Mas a modesta verba de que dispõe é-lhe suficiente, dado que conta apenas 12 anos de idade.

O público português conhece já êste pequeno actor, apesar das suas principais produções não terem sido ainda exibidas em Portugal. Viu-o há pouco tempo numa comovente criação de «Ana Karenina» onde a sua graça natural e ingénua quási ofuscava em certas cenas a genial Greta Garbo.

Pois Freddy Bartholomew vive na sua existência privada um drama em que a sua recente fortuna desempenha importante papel. O célebre pequeno actor é objecto dum processo familiar, pelo qual seus pais e sua tia se digladiam, reclamando a sua posse. E o mais singular desta estranha história é que a justiça não está, como seria natural, do lado do pai e da mãi, mas sim do lado da tia com quem êle vive e cujos direitos se pretende contestar.

Por mais monstruoso que pareça, o pequeno Freddy foi vendido por 1000 libras quando tinha cinco anos de idade. A compradora foi sua tia Mabel, cujos propósitos eram, como vamos ver, inteiramente generosos. Os vendedores foram os pais, cuja falta de escrúpulos teve já o justo castigo na certeza do mau negócio que fizeram.

O caso passou-se em 1929. O casal Bartholomew vivia numa pequena cidade inglesa. O ordenado do marido era insuficiente para as exigências da esposa, que tinha a paixão dos prazeres, do teatro e dos belos vestidos. O filho, Freddy, permitia-lhes por vezes alimentarem certas esperanças. Todos eram unânimes em lhe reconhecer dotes excepcionais e muitos lhe profetizavam uma carreira gloriosa no cinema. Mas o tempo ia passando. As faculdades de Freddy não se impunham e a vida familiar continuava a decorrer numa mediania que fazia o desespêro da mãi, ansiosa por gozar os prazeres que a vida oferece às mulheres vaidosas.

Foi nessa altura que interveio a tia Mabel. Solteira, vivendo dos seus rendimentos com desafogo, sentia que lhe faltava na vida um objectivo a que se consagrar. Reconheceu o talento invulgar do seu sobrinho e um plano se formou no seu espírito. Um dia procurou seu irmão e sua cunhada para lhe fazer a seguinte proposta: tomaria a seu cargo a educação escolar e artística de Freddy até à maioridade dêste e como indemnização pagaria aos pais a quantia de mil libras. A hipótese da criança vir a ganhar dinheiro foi prevista. O produto do seu trabalho seria nêsse caso dividido em três partes iguais: uma para Freddy, outra para os pais e outra para sua tia.

O contrato seduziu os progenitores do futuro artista. Mil libras era a possibilidade de comprar muitos vestidos novos, de dar novo brilho a uma existência que se lhes afigurava privada de interesse. E o negócio fechou-se. Freddy passou a viver na companhia da tia Mabel e os pais trataram de gastar o mais agradavelmente possível o seu inesperado milhar de libras.

Uma cena do filme «David Cooperfield», inspirado no romance de Charles Dickens, e que constituiu a sensacional revelação do pequeno actor Freddy Bartholomew

Durante cinco anos, miss Mabel, ocupando-se sempre em dar a seu sobrinho uma educação esmerada, fez várias tentativas para fazer valer o talento dêle aos olhos dos produtores cinematográficos. Não era tarefa fácil. As crianças que os pais supõem prodígios enxameiam os arredores dos estúdios. Freddy conseguiu obter pequenos papeis mas não teve occasião de se revelar.

A tia Mabel era, porém, dotada de invulgar tenacidade e foi isso que decidiu o destino do pequeno actor. Á fôrça de persistir, conseguiu ser recebida pelo director duma grande firma americana. Três dias mais tarde, tia e sobrinho partiam a caminho de Hollywood.

A prodigiosa carreira de Freddy Bartholomew ia começar. No filme «David Copperfield» extraído do imortal romance de Dickens, obteve o principal papel e o seu êxito foi estrondoso.

A seguir entrou em «Ana Karenina» e outros filmes. E finalmente consagrou-se na nova versão de «O pequeno Lord Fauntleroy», que constitue o coroamento duma das mais fulminantes ascensões que o cinema regista.

■

Esta imprevista celebridade despertou a cobiça dos pais. Filmava-se «Ana Karenina» quando Freddy e sua tia receberam uma citação judicial. Os pais tinham requerido telegraficamente às autoridades da Califórnia que fosse retirada a miss Mabel a tutela de seu filho.

Miss Mabel não teve dificuldade em demonstrar aos juizes tôda a dedicação que consagrava ao pequeno actor desde o tempo em que o seu destino era ainda incerto e em chamar a atenção para a intempestiva manifestação de amor paternal que coincidia com a prosperidade de Freddy.

Em vista disso, o tribunal confirmou a tutela a miss Mabel mas concedeu aos pais um prazo de seis meses para recorrerem desta decisão.

Em Março último os esposos Bartholomew desembarcavam em Nova York, dispostos a pleitearem os seus pretensos direitos. Os advogados afluiram numerosos a oferecer os seus serviços, no desejo de participarem num processo que lhes prometia larga publicidade.

A luta pela posse de Freddy tomou um aspecto mais intenso do que nunca. A causa subiu ao Supremo Tribunal da Califórnia, cuja decisão foi uma vez mais favoravel a miss Mabel. Mas a mãi continua a reclamar o seu filho e numa atitude melodramática ameaça ir lançar-se aos pés da esposa do presidente Rosevelt para que êle lhe seja restituido.

Freddy continua a trabalhar em silêncio. Mas no seu cérebro precocemente desenvolvido, por detrás daqueles olhos profundos e sonhadores, perpassam sem dúvida estranhas reflexões.

O CORAÇÃO ARTIFICIAL

inventado por Lindbergh e Alexis Carrel

COMO SE CONSERVAM VIVOS OS ÓRGÃOS EXTRAIDOS DO CORPO DUM ANIMAL

UMA invenção sensacional associou recentemente os nomes do célebre aviador norte-americano Charles Lindbeigh e do grande cirurgião francês Alexis Carrel. Para o que o ignorem, convem dizer que êste último é hoje uma das mais altas figuras do Mundo científico. A êle se devem as primeiras operações de enxertia de órgãos humanos. Há pouco tempo publicou um livro intitulado «L'homme, cet inconnu» que despertou em todo o Mundo um grande movimento de interêsse e suscitou apaixonadas discussões.

A invenção de Lindbergh e Alexis Carrel consiste num coração artificial, isto é um dispositivo mecânico destinado a fazer circular o sangue em condições exactamente idênticas às que se verificam no interior do organismo do homem e de outros mamíferos.

O alcance desta invenção nos domínios da biologia e da histologia é muito maior do que à primeira vista pode supor-se. Substituindo a circulação sangüínea natural por outra gerada pelo aparelho, é possível conservar vivos e em estado de crescimento órgãos animais isolados. Assim, pela aplicação do invento conseguiu-se conservar-se durante semanas, corações, rins, ovários, etc., nas mesmas condições que se estivessem no interior do corpo a que pertenciam. Compreende-se bem que êste facto é da mais alta importância para o estudo do funcionamento dêsses órgãos.

A ciência atinge dêste modo um objectivo que muitos sábios antes de Lindbergh e Carrel tinham perseguido em vão. Efectivamente, a primeira tentativa do género parece datar de 1866. Coyon, no seu laboratório conseguiu conservar durante 48 horas as palpitações do coração duma rã separado do corpo do animal. Brown-Séquard efectuou no mesmo sentido experiências alucinantes. Decapitou animais e conservou as cabeças fazendo circular sangue pelas carótidas. Pôde dêsse modo verificar a persistência de certas funções do cérebro.

Mas tanto êstes como outros investigadores esbarraram sempre com a mesma dificuldade. Os órgãos sôbre que realizavam as suas experiências infectavam ràpidamente e a sua morte total sobrevinha em curto prazo.

Nos seres vivos, a Natureza organiza em condições perfeitas a assépsia interior. Em condições normais, o sangue e os tecidos musculares estão isentos de micróbios. Só o tubo digestivo se encontra constantemente infectado e isso explica o perigo duma perfuração intestinal que abre aos micróbios uma entrada para o organismo.

Esquema do coração artificial inventado por Lindbergh e Carrel

O coronel aviador Charles Lindbergh

Pela epiderme, pela boca, pelos pulmões, o corpo está a todo o momento sujeito aos assaltos dos micróbios. Mas o sangue possui contra êles, um meio de defesa constituido pelos glóbulos brancos, cuja missão consiste em barrar a passagem à invasão. Se os glóbulos brancos são vencidos nesta luta, segue-se a infecção que conduz à morte. No interior de qualquer organismo vivo travam-se, portanto, em cada segundo que passa., batalhas decisivas de cuja importância nem sequer suspeitamos.

Sem esta faculdade de sangue, a existência dos organismos superiores seria impossível. No seu belo livro «A guerra dos Mundos», Wells imagina a Terra invadida por Marcianos que, apesar de dispôrem de poderosos meios, são vencidos por não terem podido resistir à invasão dos micróbios, a que não se encontravam adaptados e contra os quais não possuiam meios de defesa naturais.

O professor Alexis Carrel, segundo um desenho de P. Lamure

Ora com os órgãos isolados submetidos a experiências de laboratório sucede um caso idêntico ao imaginado por Wells com os Marcianos.

O sangue não se comporta do mesmo modo que nos animais e ao fim de pouco tempo a infecção introduz-se nos tecidos e destroi-os. As razões do facto são mal conhecidas. E' possível que tenham origem no facto de a irrigação sangüínea não se fazer tão perfeitamente ou em qualquer outro motivo que escapa por agora à observação humana.

Daí, portanto, a necessidade de manter todo o conjunto de experiência em estado de rigorosa desinfecção. Não só o órgão precisa de se manter num ambiente perfeitamente asséptico como todo o aparelho de circulação artificial deve estar isolado e fora do alcance dos micróbios que pululam na atmosfera. O invento de Charles Linbergh e Alexis Carrel consiste em terem criado um coração artificial que preenche, de maneira satisfatória estas condições

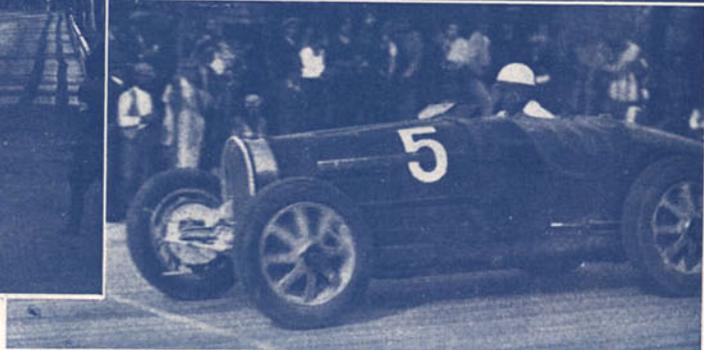
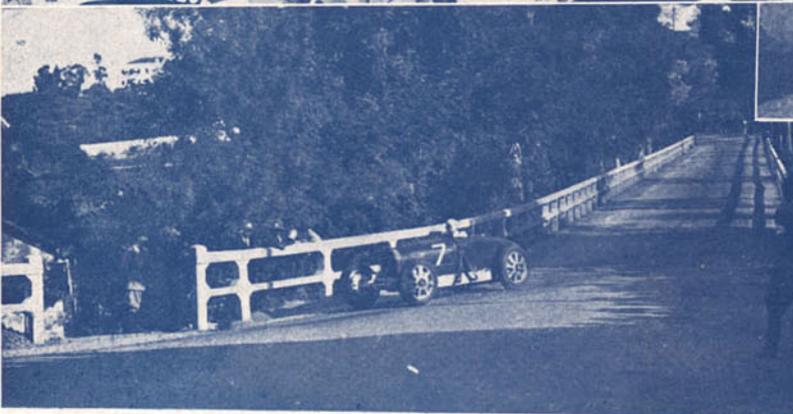
O processo seguido nas experiências é o seguinte: os animais, em geral gatos ou galinhas, são sacrificados e o órgão que se pretende estudar é cuidadosamente extraído. Coloca-se em seguida êsse órgão numa solução nutritiva, composta do soro sangüíneo, insulina, tiroxina, vitaminas e um reagente còrado cujas variações indicam o estado da saúde do sujeito da experiência. As veias e artérias são depois ligadas ao coração artificial que faz circular nelas o sangue, em condições idênticas às do animal em vida.

Os órgãos assim tratados crescem normalmente e desempenham as suas funções características. Este facto permite-nos tirar as mais assombrosas conclusões. Desde que é possível conservar um cérebro fora do corpo humano e que êste continua a funcionar, nada impede que amanhã por meio de aparelho duma grande delicadeza se captem os impulsos nervosos ou eléctricos resultantes da actividade mental e se chegue a «conversar» com êsse órgão isolado. Mas no domínio das fantasias justificadas podemos ir ainda mais longe. Poder-se-iam colocar no aparelho órgãos reprodutores, como os ovários, e provocar a sua fecundação, de que resultaria o nascimento de singulares produtos de laboratório.

Como se vê, o invento de Lindbergh e Alexis Carrel constitue um passo sensacional no caminho da fabricação da vida artificial.

CIRCUITO AUTOMOBILÍSTICO DE SANTARÉM

Com enorme assistência realizou-se no dia 31 do mês findo em Santarém um circuito automobilístico que fez parte das festas que tem assinalado a Exposição-Feira daquela cidade, a que nos referimos no nosso último uúmero.

A prova, cheia de dificuldades dum grande interêsse desportivo, constituíu um admirável espectáculo e terminou com as seguintes classificações: 1.º, Jorge Monte Real, em «Bugatti», em 1 h. 14 m. 18 s. 20; 2.º, Eduardo Ferreirinha, em «Ford», em 1 h. 14 m. 48 s.; 3.º Manuel de Oliveira, em «Ford», em 1 h. 16 m. 33 s.; 4.º, H. Rugeroni, em «B. T. R.», em 1 h. 18 m. 38 s. 40; 5.º, Soares Mendes, em «Alfa-Romeu, em 1 h. 14 m. 22 s. 60.

Ao alto: Jorge Monte Real, o vencedor da prova, junto do seu «Bugatti». Em baixo: Três fases da disputa do Circuito

QUADROS DE PINTORES PORTUGUESES EXPOSTOS EM PARIS

Os ilustres pintores mestre Carlos Reis e João Reis, que à sua arte consagram uma actividade tão proficiente como intensa, são actualmente os embaixadores da pintura portuguesa num grande certame da capital francesa. Cada um deles enviou um dos seus quadros ao «Salon des Artistes Français» que se realiza actualmente em Paris. Damos acima a reprodução dessas obras que são apresentadas com as legendas «Souvenir d'Antan» e «Vieux Pêcheur», da autoria respectivamente de Carlos Reis e João Reis. O mérito das duas telas autoriza-nos a dizer que Portugal se encontra condignamente representado numa manifestação artística de tanta envergadura como é o «Salon des Artistes Français».

Sabemos que os trabalhos dos ilustres pintores têm merecido da crítica e do público parisiense as mais lisonjeiras referências. Não é esta, de resto, a primeira vez que Carlos Reis e João Reis representam com pleno êxito no estrangeiro a pintura portuguesa. O facto é, sem dúvida, digno de elogios e por isso aqui o registamos com o nosso aplauso.

A VIDA DE BOCAGE

serve de tema ao novo filme de Leitão de Barros

LEITÃO DE BARROS trabalha num novo filme, inspirado na vida do grande poeta Bocage. O nome do realizador da «Severa» e das «Pupilas do Senhor Reitor» é, por si só, a garantia duma obra conscienciosa e digna do tema escolhido. Mas tudo indica que, com êste novo trabalho, Leitão de Barros se propõe superar tudo o que tem feito e dar-nos uma produção de grande classe, que abra à indústria nacional novos horizontes. A filmagem dos exteriores do novo filme prossegue com grande actividade e encontra-se já bastante adiantada. Os locais onde ela se tem efectuado são o bairro da Lisboa Antiga, construido sob a direcção de Matos Sequeira para as Festas da Cidade do ano passado, e o palácio Fronteira. Brevemente filmar-se-ão cenas no palácio de Queluz. O papel de Bocage é interpretado pelo actor Raul de Carvalho e pelas fotografias aqui reproduzidas pode o leitor ajuizar do valor da criação do ilustre actor, que ficará decerto

A' DIREITA: *Bocage regressa doente da India*

como uma das coroas de glória da sua carreira. A vida agitada do grande vate, estudada com o maior rigor histórico, vai dar amplo assunto para um filme cheio de movimento e emoção.

EM CIMA: *Anália, a flor da paixão.* A' DIREITA: *O poeta entre damas*

EM CIMA: *Não me cheira! — graciosa cena interpretada pelo comediógrafo e jornalista Lino Ferreira, que com o actor António Silva, desempenham o papel de esbirros do Santo Ofício.*
A' DIREITA: *Bocage, poeta das ruas, persegue um frade com os seus motejos*

A MELANCOLIA

de DÜRER

Melancolia — famosa gravura de Alberto Dürer

QUEM profundar a vida do excelso artista que foi Alberto Dürer, compreenderá quão pavoroso deveria ser o seu estado de alma ao traçar, a buril, sôbre uma chapa de cobre, a famosa gravura "Melancolia».

Alberto Dürer, tendo conseguido triunfar como nenhum outro artista, arrastou desde o berço à cova a mais atribulada existência que possa imaginar-se.

Contrariado desde a infância por seu pai que o queria fazer ourives, o pequeno Alberto aproveitava todos os momentos para garatujar, ás escondidas, os seus desenhos que lhe haviam de render uma celebridade gloriosa. Julgando comover o autor dos seus dias, desenhou-lhe, um dia, o retrato — e tão perfeito êle ficou, que o próprio Wohlgemuth, o maior pintor de Nurenberg e seus arredores, se dignou ir vê-lo e admirá-lo.

Tempos depois, emancipando-se da rígida tutela paterna, deu largas ao seu talento com toda a pujança da sua mocidade. As suas gravuras eram já conhecidas em toda a Europa civilizada, e o seu nome festejado como o dum consagrado autor que levara ao seu atelier o imperador Maximiliano I, Carlos V e seu irmão Fernando I. Foi nessa altura que se apaixanou pela formosa Inês Frey, não descansando enquanto não a tornou sua esposa. Terrivel desilusão lhe estava destinada ao aperceber-se de que a beleza dessa mulher que o cativara era apenas o invólucro da mais pavorosa maldade que lhe havia de atormentar a existência. Ciumenta, resmungona e avara, os defeitos da consorte aumentavam á medida que os dotes físicos iam definhando com a acção do tempo.

A formosa Inês Frey estava transformada, a breve trecho, numa honrosa megera, cuja missão parecia consistir apenas em amargurar a vida do marido.

Suplício idêntico estava suportando em Itália o seu ilustre confrade Andrea del Sarto, torturado pelas diabruras da esposa Lucrecia della Fede. Simplesmente, o desventurado Andrea morreu balbuciando numa prece o nome da ingrata que tanto o fizera sofrer, ao passo que Alberto Dürer agüentava o martírio por não poder quebrar as algêmas do casamento.

Assim viveu durante trinta e quatro anos que teriam sido mais alegres se os tivesse passado adentro das paredes frias duma penitenciaria!

Para satisfazer os caprichos da consorte, aceitou encomendas de planos de fortificações que eram mais bem pagos do que os bonecos alegóricos que costumava fazer. Assim, deixou um magnífico tratado constituido por 19 estampas que modificaram por completo a tactica guerreira do seu tempo. Trabalhou ativamente em obras de arquitectura, publicou uma "Instrução para medir a compasso e a régua», deu á estampa "Quatro livros das proporções do corpo humano», absorveu-se num trabalho fatigante e exaustivo, e só para satisfazer a ambição da esposa, que exigia dinheiro, dinheiro, muito dinheiro.

Foi num desses dias de desalento que o artista genial traçou a sua "Melancolia» que Gabriel D'Annunzio havia de traduzir assim:

"O grande anjo terrestre com asas de águia, o Espírito sem sôno, aureolado de resignação, estava sentado na pedra núa, com o cotovêlo sôbre o joelho, a face encostada á mão, tendo sôbre as côxas um livro, e na outra mão um compasso. A seus pés jazia, enovelado como uma serpente, o cão fiel, o cão que na alvorada dos tempos foi o primeiro a caçar em companhia do homem. Ao lado, empoleirado na aresta duma pedra, como uma ave, dormia a criança já triste, empunhando o estilete e a tabuinha onde devia escrever a primeira palavra da ciência. Em volta estavam espalhados instrumentos das artes humanas; e sôbre a cabeça vigilante, na extremidade duma asa, corria na dupla ampulheta a areia silenciosa do Tempo. Ao fundo via-se o Mar com os seus golfos, portos e farois, calmo e indomável, sôbre o qual, á hora em que o sol se escondia num esplendor de arco-íris, voava o morcêgo crepuscular, com a palavra reveladora gravada nas membranas. Aqueles portos, aqueles farois e aquelas cidades, fôra êle, o Espírito sem sôno e aureolado de resignação, quem os construira. Desbastou a pedra para as torres, cortou o pinheiro para os navios, temperou o ferro para todos os combates. Êle próprio impôs ao Tempo o instrumento que o media. Sentado, não para descansar, mas para meditar um novo trabalho, olhava atentamente a Vida, com os seus grandes olhos, onde brilhava a alma livre. De todas as formas circundantes, à excepção de uma, evolava-se o silêncio: apenas se ouvia a voz do fogo avermelhando-se na forja, por debaixo do cadinho, onde, da matéria sublimada, devia gerar-se uma virtude nova para vencer um mal ou conhecer uma lei. E o grande Anjo terrestre com asas de águia, que trazia suspensas da sua cinta de aço as chaves que abrem e fecham, respondia assim aos que o interrogavam: "O sol põe-se. A luz que nasce do ceu, morre no ceu; e um dia ignora a luz dum outro dia. A noite, porém, é uma, e a sua sombra estende-se sôbre todos os rostos e a sua cegueira sôbre todas as palpebras, com excepção do rosto e das pálpebras daquêle que conserva o seu fogo acêso para iluminar a sua força. Eu sei que o vivo é como o morto, o acordado como o dormente, o mancebo como o velho, visto que a mudança tem a dôr e a alegria por companheiras iguais. Sei que sou e não sou, que ha um único caminho para baixo e para cima. Conheço o cheiro da podridão e das infecções inumeraveis, próprias da natureza humana. Contudo, para além do meu saber, eu continuo a realizar as minhas obras, claras ou ocultas. Vejo que umas morrem, e eu vivo ainda; vejo outras que parecem destinadas a durar, eternamente belas e imunes de miséria, e que não são já minhas, emboras nascidas dos meus males mais profundos. Vejo mudar todas as coisas pelo fogo, como os bens diante do oiro. Só uma coisa é constante: a minha coragem. Sento-me apenas para me levantar».

Alberto Dürer foi eloqüente neste seu formoso trabalho que pode ser considerado o esquêma da sua tristeza, o gráfico sintético da sua amargura, o mais fiel expoente do seu desalentado estado de alma.

O maior, para dizer o mesmo, teria de gastar um livro volumoso, ao passo que nesta formosíssima gravura está todo um tratado de filosofia.

I CONFERÊNCIA ECONÓMICA DO IMPÉRIO COLONIAL

Dois aspectos da sala das sessões da Camara Corporativa durante o acto inaugural da Conferência. A' ESQUERDA: *O Chefe do Estado condecorando o sr. ministro das Colónias*

EM CIMA: *As esposas dos ministros assistindo à sessão.* A' DIREITA: *O sr. Cardial Patriarca de Lisboa*

No Palácio da Assembleia Nacional inaugurou-se no dia 8 dêste mês a Primeira Conferência Económica do Império Colonial, de cuja sessão solene de abertura as fotografias que ilustram esta página reproduzem alguns aspectos.

Presidiu ao acto inaugural o sr. Presidente da República e assistiram os membros do Govêrno, o sr. Cardial Patriarca, o Corpo Diplomático e delegados de todos os nossos domínios ultramarinos.

A sessão realizou-se na sala da Camara Corporativa, que se encontrava para êsse fim luxuosamente ornamentada e iluminada. Na mesa da presidência o Chefe do Estado dava a direita aos srs. Presidente do Conselho, general Eduardo Marques, presidente da Camara Corporativa, e coronel Vicente Ferreira, vice-presidente da Conferência, e à esquerda aos srs. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, ministro das Colónias, e dr. Aires Kopke, vice-presidente do Conselho do Império.

Aberta a sessão, o sr. Presidente do Conselho proferiu um discurso que constituiu uma notável lição de economia colonial. Definiu a solidariedade de interesses entre a Metrópole e as Colónias e traçou os planos duma política futura no sentido do fortalecimento dos laços que unem as diversas partes constitutivas do Império.

Usaram depois da palavra os srs. ministro das Colónias e dr. Marques Mano, êste último em nome das delegações coloniais à Conferência.

No final, o Chefe do Estado apôs aos srs. ministro das Colónias e coronel Vicente Ferreira as insígnias da Ordem do Império Colonial com que foram agraciados.

Festa de caridade na Escola de Mecânicos de Vila Franca

Na tarde de 7 do corrente realizou-se na Parada da Escola de Mecânicos, em Vila Franca de Xira uma interessante festa de caridade a favor das vítimas das inundações do Ribatejo. Organizou-a o ilustre comandante daquela unidade, sr. capitão de fragata Palma Lamy, que foi secundado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte: D. Lucia Infante de La Çerda Monteiro, D. Maria Marques Ortiz de Bettencourt, viscondessa da Merceana, D. Maria Isabel Roldan y Pego Ramires, D. Maria Palha Teotónio Pereira, D. Isabel Assis Palha, D. Virginia Diogo da Silva Cancela de Abreu, e D. Maria da Conceição Graça Van-Zeller.

O programa constou de vários exercícios por um pelotão de marinha, de assaltos de esgrima de sabre e de florete, por aspirantes de marinha, de várias evoluções por uma esquadrilha de três hidro aviões da Base do Bom Sucesso, e de «chá dansante». A festa deixou a mais grata recordação na selecta assistência que enchia por completo os belos jardins da parada.

Ao alto: *Um aspecto da Parada durante o festival.* Por baixo: *As mesas dos srs. ministros dos Negocios Estrangeiros e da Marinha.* A' esquerda: *Exercicios de manejo de armas.*

As festas do X aniversário da Revolução de 28 de Maio

Comemorando o X aniversário da revolução de 28 de Maio, realizaram-se iluminações noturnas em diversos pontos da capital. As duas gravuras que publicamos acima, reproduzem aspectos da decoração luminosa do Rossio durante a noite. A' esquerda um aspecto do conjunto tirado do elevador de Santa Justa, vendo-se o Teatro Nacional ao fundo. A' direita um pormenor da iluminação, vendo-se um dos postes erguidos para êsse fim.

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

A sosia de Shirley Temple

UM jornal francês teve a ideia de organizar um concurso de sósias da pequena actriz Shirley Temple. Foram numerosas as concorrentes, em muitas das quais a semelhança só existia na imaginação dos pais. Finalmente, foi eleita Ginette Marboeuf-Hoyet a quem os organizadores facultaram uma viagem à América. Aqui a vemos em companhia da autêntica Shirley. Qual delas é a verdadeira? Porque é na verdade difícil distingui-las, diremos que é a da direita, que veste um trajo de 1850 com que aparece no filme «Dimples», em que trabalha actualmente.

Tumultos na Palestina

A agitação dos árabes contra os judeus prossegue na Palestina com uma intensidade inquietante. Os actos de terrorismo sucedem-se e o conflito, longe de atenuar-se ou circunscrever-se, toma de dia para dia maior extensão. A Inglaterra, empenhada em manter a ordem, concentrou na região fôrças do Exército que ascendem já a muitos milhares de homens. Tôdas as tentativas de conciliação se têm malogrado e o número de vítimas aumenta todos os dias. O impressionante instantâneo que abaixo reproduzimos mostra uma fôrça inglesa atacada com paus e pedras pelos manifestantes árabes.

Orações pela Paz

O Japão continua a ser o país dos contrastes, incompreensíveis para a nossa mentalidade de europeus. Recentemente, os sacerdotes budistas realizaram preces públicas a favor da Paz no templo do Senso-Ji, em Toquio. A cerimónia coincidiu com a realização de manobras de defesa aérea pelo que os sacerdotes oficiaram com máscaras contra os gases asfixiantes. Aqui os vemos a caminho do templo, afim de invocar sob a protecção dêsses artefactos, a protecção divina contra os perigos duma guerra.

O Négus em Londres

HAILÉ SELASSIÉ, depois de ter abandonado a Abissínia, ante a invasão italiana, dirigiu-se à Palestina e dali seguiu para Londres. A sua visita provocou considerável interêsse. A gravura ao alto mostra o carro do Négus à saída da estação de Waterloo e em baixo o imperador depondo uma corôa de flôres no monumento aos mortos ingleses da Grande Guerra.

O chanceler austríaco Schuschnigg, que fez há dias uma sensacional viagem à Itália onde conferenciou com Mussolini, procura reforçar a «Frente Patriótica». Ei-lo, numa atitude pouco conhecida, ao proferir um veemente discurso em que apela para a união dos austríacos.

O PODER DA LENDA

OS SANTOS DE JUNHO

COMO FORAM E COMO O POVO OS ENTENDE

S. João Baptista

Com o mês de Junho surge a alegria esfusiante das festas dedicadas a Santo António, S. João e S Pedro — alegria que se repercute de bairro em bairro, não obstante a rigidez implacável que êsses três santos mantiveram durante tôda a sua passagem por êste mundo.

Quem nos havia de dizer que o nosso austero Santo António, cuja brônzea virtude tanto agradou ao severo S. Francisco de Assis, se tornaria no santo divertido que partia as bilhas das raparigas, só para ter o prazer de lhas consertar?

Santo Antonio, por Moroni

Quem poderia calcular que o lívido Precursor que tanto clamou contra a vida desregrada de Herodes, a ponto de largar a cabeça hirsuta na salva da Salomé, se tornaria um galanteador ameno que só

..... para vêr as môças
Fez uma fonte de prata?

Quem nos diria que o velho pescador da Galileia, tendo largado as redes do seu ofício para se fazer "pescador de almas", se havia de transformar no santo animador dos ranchos de foliões, nas suas marchas festivas:

O' S. Pedro, ó S. Pedro, ó S. Pedro,
Na vossa noite ninguem tem medo?

O santo claviculário, que, antes da partida para Roma, onde deveria fixar o sólio pontifício, se dirigia aos estrangeiros dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, rogando-lhes que se "abstivessem dos desejos carnais que combatem contra a alma", ainda havia de acompanhar a mocidade nos seus descantes da noite de 29!

Grande é o poder da lenda!

Na sua segunda epístola, S. Pedro elucida com largueza o feio pecado de negar o Divino Mestre, como êle o havia negado, pouco antes, no pátio de Caifaz...

Segundo o depoimento de S. Mateus, "Pedro estava assentado fora no átrio, e chegou a êle uma criada que lhe disse: — Tu também estavas com Jesus, o Galileu.

"Mas êle o negou diante de todos, dizendo: — Não sei o que dizes.

"E saindo êle à porta, viu-o outra criada, e disse para os que ali se achavam: — Êste também estava com Jesus Nazareno.

"E segunda vez negou, com juramento, dizendo: — Juro que tal homem não conheço!

"E daí a pouco, chegaram-se uns que ali estavam, e disseram a Pedro: — Tu certamente és também dos tais, porque até a tua linguagem te dá bem a conhecer.

"Então começou a fazer imprecações e a jurar que não conhecia tal homem. E imediatamente cantou o galo. E Pedro se lembrou das palavras que lhe havia dito Jesus: — Antes de cantar o galo, três vezes me negarás!

"E, tendo saído para fora, chorou amargamente."

E' êste mesmo S. Pedro que declara, tempos depois, do alto da sua autoridade:

"Houve, porém, no povo até falsos profetas, assim como também haverá entre vós, falsos doutores que introduzirão seitas de perdição, e negarão aquele Senhor que os resgatou, trazendo sôbre si mesmos apressada ruina".

A grandeza do arrependimento intensificara a firmeza do catequizador.

Pois a lenda, pondo tudo isto de parte, criou um S. Pedro completamente novo, sem tiara nem quaisquer outros atributos pontifícios, concedendo-lhe apenas as chaves dum céu todo prazeres, delícias e venturas que não deverá ser negado a todos aqueles que mais se divertirem na noite dedicada ao condescendente e bondoso porteiro do paraíso.

Com o Baptista sucedeu o mesmo. Nada resta do irado Precursor que, a ter uma vida mais longa, conseguiria fundar uma religião que seria mais vasta do que o cristianismo, pois sôbre os alicerces das prègações de S. João é que o cristianismo foi criando vulto.

O Baptista atravessando os matagais judaicos, fugia aos fariseus e saduceus que se apresentavam falsamente para o observarem mais de perto:

"— Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Fazei, pois, dignos frutos de penitência. E não queirais dizer dentro de vós mesmos: nós temos por pai a Abrahão; porque eu vos digo que poderoso é Deus para fazer que nasçam destas pedras filhos a Abrahão. Por que já o machado está pôsto à raiz das árvores. Tôda a árvore, pois, que não dá bom fruto, será cortada e lançada ao fogo!"

Santo António de Lisboa

Vera effigies Sancti Antony L[illegible] in Ecclesia Lusitanorum Romæ

Será êste o Baptista que a tradição festeja no dia 24 de Junho? Que diria o severo Precursor se voltasse a êste mundo, vestido de pele de camêlo e com uma cinta de couro em volta dos rins, tomando por única alimentação gafanhotos e mel silvestre?

Voltaria a dizer como Isaías e com mais razão do que nunca: "Voz do que clama no deserto; aparecouro em volta lhai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas".

Mas, desta vez, não seria um Herodes, mas milhares dêles a forçá-lo a moderar os seus ímpetos.

A lenda, urdida pela alma ingénua do povo, é que não se preocupa com estas coisas, nem pretende, pelo visto, tomar conhecimento com o rígido Baptista da Judeia que, na flor da idade, golfou a vida, numa última maldição contra o tetrarca que o encarcerara para não o ouvir.

A lenda habituou-nos a vêr um S. João tão rosado e belo como quando "adormeceu nas escadinhas do côro", e que, não tendo os conhecimentos náuticos do pescador S. Pedro, nem por isso deixa de ser implorado nesse sentido pela alma simples do nosso povo:

O' meu rico S. João,
O' meu Santo marinheiro,
Levai-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

Se o Baptista voltasse a êste mundo e ouvisse tudo isto, havia de sorrir complascente, apezar da rigidez dos seus princípios — e quem sabe? — talvez fizesse o milagre a quem melhor o merecesse.

Com o nosso Santo António passa-se precisamente o mesmo. A sua vida dedicada às coisas de Deus, nunca lhe deu tempo para lançar um fugídio olhar às coisas terrenas. No entanto, Santo António é o casamenteiro das raparigas, e, fazendo aparecer as coisas perdidas, está ainda adentro do seu pelouro fazer encontrar um noivo de que ninguém poderia sonhar o paradeiro.

S. Pedro

E a voz das môças suplica sempre:

Santo Antoninho,
Lá do Bomfim
Dai-me um menino a mim...
Para rèclamo, se fôr gordinho
Há-de chamar-se Antoninho!

Que importa que as páginas eruditas do *Flos Sanctorum* nos apresentem os três santos de Junho revestidos das mais altas virtudes, e inascessíveis, portanto, à natural tendencia humana, se o povo os adaptou à sua compreensão, modelando-lhes as imagens como melhor entendeu? Quando se fala em S. Pedro ninguém se lembra de que êle foi o primeiro papa, nem que recebeu de Cristo a missão de fundar a sua igreja, mas que é o porteiro do ceu, e, como tal, deve figurar num lindo andor às costas da multidão entusiasmada por uma noite de festa.

De S. João, ninguém quere saber o que êle pretendia nas suas prègações através dos desertos da Judeia, mas que na sua noite se devem queimar alcachofras, tomar o bochecho de água para se saber o nome do noivo desejado, e apanhar as orvalhadas que, nesta altura, são benditas.

Um Santo António, metido num hábito de franciscano, hirto, rígido e severo, cumpridor rigoroso das instruções do *Poverello* de Assis, ninguém o entenderia. Mas falem ao povo rude no Santo António que foi salvar da fôrca o próprio pai, durante o tempo que leva a resar uma Avé-Maria, que prègou aos peixes e quebrava por brincadeira as bilhas às raparigas, e que tôda a gente lhe renderá culto.

E, se pensarmos bem, nem por isso deixa de ter menos fé.

O povo rude afeiçoou-se aos seus santos e tornou-os confidentes dos seus segredos e até das aspirações gratíssimas que andou acalentando, numa ânsia crescente, durante anos e anos, sem os ter revelado a ninguém.

Se os santos se apresentassem ante as massas populares com o seu ar severo, carrancudo e intolerante, quem teria coragem de se lhes dirigir a suplicar a valiosa intercessão junto de Deus?

Qualquer dos três santos populares de Junho descem no seu dia à terra a confraternizar com os seus devotos e a dar-lhes alento para a dura jornada da existência.

O Baptista, pelo que se vê, desvaneceu um pouco o seu rigor que impunha dura penitência a todos os que se lhe dirigiam a receber o banho das águas lustrais do Jordão. Talvez que o Santo Precursor levasse em conta que só o facto de se viver nos tempos de hoje já constitui uma expiação dos delitos dos nossos antepassados.

E assim na noite de S. João, tudo baila, tudo folga, tudo se diverte até clarear a madrugada, sob a unção bendita do rócio matutino que, nêsse alvorecer festivo, tem virtude redobrada.

Gomes Monteiro.

A QUINZENA DESPORTIVA

A poucas semanas de intervalo, os dois mais populares clubes de Lisboa festejaram o seu aniversário. Foi primeiro o Sport Lisboa e Benfica, a cujas organizações nos referimos oportunamente, e depois o Sporting Club de Portugal de cujas festas apresentamos hoje alguns interessantes aspectos.

Trinta anos completou o Sporting, numa constante actividade progressiva, marcando sempre o seu lugar entre as primeiras agremiações desportivas do País, cujas côres os seus atletas bastas vezes defenderam com brilhantismo.

Nascido numa dissidência do antigo Campo Grande Football Club, que em conseqüência veio a extinguir-se, o Sporting viveu de início conduzido pelo entusiasmo juvenil de José Alvalade que sempre sonhou fazer do seu club "qualquer coisa de grande que não envergonhasse o País".

Os sucessores da sua obra fizeram-lhe a vontade, desenvolvendo o valor da colectividade tanto em mérito absoluto como em expansão. Dividindo a actividade das suas secções por quási todos os desportos praticados em Portugal, o Sporting possui um historial glorioso e relevantes serviços lhe devem a propaganda desportiva e a causa da educação física.

Foram talvez estas razões que levaram o Govêrno da Nação a galardoar a colectividade com a comenda da Benemerência que, por ocasião das festas dêste aniversário foi colocada no respectivo estandarte pelo sr. Presidente da República.

Para revestir êsse acto duma solenidade condigna, os dirigentes do Sporting organizaram no seu campo de jogos uma parada desportiva na qual se encorporaram delegações dos praticantes das dezoito modalidades cultivadas no club.

O espectáculo foi imponente e deu prova cabal do grande desenvolvimento da agremiação, da disciplina da sua actividade e ainda do entusiasmo clubista da massa associativa. Merece o Sporting sinceras felicitações pela forma cuidada e garbosa da apresentação dos seus atletas; a centena e meia de desportistas que alinharam no desfile, tanto pelo impecável equipamento e pelo aprumo do porte como pela ordem meticulosa das evoluções são bem dignos dum louvor, pois, citados como exemplo ante as mais elevadas individualidades do País prestaram relevante serviço ao prestígio do desporto português na sua mais nobre função educativa.

Aspectos da parada comemorativa do 30.º aniversário do Sporting — EM CIMA: *A secção feminina de gimnástica.* AO CENTRO: *Os representantes do atletismo tendo como guião o atleta olímpico Palhares Costa.* EM BAIXO: *A delegação dos jogadores do basket-ball*

Uma referência especial para o elemento feminino que trouxe, à parada, uma nota de elegância e de frescura. As raparigas da secção de basket e as senhoras da classe de gimnástica, com seus garridos trajos branco e verde, desfilaram com tal correcção e galhardia que algumas delegações masculinas desejariam igualar.

A esgrima incluia no grupo dos seus representantes duas senhoras, que completaram o contingente feminino na falange sportinguista e deram um belo exemplo, mostrando a sua preferência pelo nobre jôgo das armas, tão apropriado às qualidades do seu sexo.

■

O nosso colega "Os Sports" promoveu na Sala Portugal da Sociedade de Geografia um sarau de gimnástica para apresentação das classes dos seus Cursos Infantis, uma das mais notáveis obras de assistência popular que, no campo de educação física, funcionam no País.

A festa resultou num verdadeiro triunfo, não só pelo valor das diversas exibições constantes do programa, mas principalmente pelo extraordinário êxito de interêsse público que despertou, conseguindo encher em absoluto o amplo recinto, onde se acumularam cêrca de dez mil pessoas, e obrigando os organizadores a vedar a entrada a algumas centenas mais que, por falta de espaço para acomodação, ficaram na rua.

Quem nos diria, alguns anos atrás, que uma simples festa de gimnástica infantil conseguia atrair tamanha multidão e prender-lhe durante três horas consecutivas a atenção, despertando um entusiasmo que bastas vezes se exteriorizou em ovações calorosas!

São êstes sintomas espontâneos, o melhor certificado dos progressos na divulgação da educação física conseguidos por intermédio da campanha intensa mantida sem desânimo pela imprensa especializada e pelos propagandistas da causa. Bem hajam uma e outros.

O sarau organizado por "Os Sports" correspondeu, de princípio a fim, à espectativa suscitada; as duas classes apresentadas, e constituídas por alunos da Associação Escolar de Ensino Liberal e do Ateneu Ferroviário, foram impecáveis na execução dos seus exercícios, demonstrando a competência do professor José Júlio Moreira que dirigiu as suas evoluções.

Não menos interessante, embora de valor pedagógico diferente, foi o desfile em saüdação às entidades oficiais representadas, dos contingentes delegados pelos vários cursos mantidos por "Os Sports" em Lisboa e arredores, incorporando aproximadamente seiscentas crianças num cortejo vibrante de alegria juvenil, de aprumo e disciplina, as quais deram público testemunho dos ótimos resultados alcançados com as lições dos seus professores de gimnástica.

Festas no género desta, devem repetir-se com freqüência; depois do Concurso da iniciativa do Gimnásio Club, o festival de "Os Sports", pelas suas características essencialmente populares completou um ciclo brilhante de actividade, que não deve ficar em tão bom caminho.

■

A época internacional de tennis, actualmente em marcha rápida para o acontecimento máximo, que é a final da Taça Davis, parece prometer-nos êste ano sensacionais revelações.

A primeira surprêsa já verificada foi a eliminação dos Estados Unidos pela Austrália no match decisivo da zona americana.

Desde 1927, data em que o trio Borotra-Cochet-Lacoste lhes arrancou o precioso trofeu, os jogadores norte-americanos foram sempre os apurados da sua zona e, com uma única excepção, os finalistas. Ninguém esperava a derrota sofrida ha dias, levando para mais a vantagem de jogarem no seu país.

Os australianos, que antes da guerra, no tempo em que Wilding era o primeiro jogador do mundo, haviam sido detentores da Taça, encontraram êste ano no veterano Crawford e no jovem Quist, dois representantes valorosos e capazes de alcançar o triunfo decisivo.

A vitória sôbre os Estados-Unidos foi, desta vez também, decidida pelo resultado do encontro de pares. O americano Budge ganhou os seus dois matchs singulares, contrabalançando as duas derrotas sofridas por Allisson. Os australianos, após cinco partidas heróicas venceram em pares e obtiveram a classificação.

Cabe-lhes portanto a honra de vir ao velho continente defrontar o vencedor da zona europêa, cujo favorito é a Allemanha; e, salvando-se do obstáculo, tentar o assalto à fortaleza britânica.

Ora o bloco inglês não parece êste ano tão sólido como nas épocas anteriores; Austin ficou recentemente impossibilitado por uma distensão num músculo da coxa e não poderá treinar durante algum tempo; o par Hughes-Thuckey, considerado um dos maiores trunfos da equipa foi batido no campeonato de França pela associação Borotra-Bernard, dando prova de vulnerabilidade comprometedora, e o grande Perry, o esteio fundamental do conjunto britânico, parece acusar sintomas alarmantes de fadiga e sucumbiu há dias, em Paris, ante o alemão Von Cramm.

Qual virá a ser o desfecho do torneio, perante êste equilíbrio de fôrças dos principais competidores? Ficará a Taça Davis em Inglaterra ou mudará de residência? Tal é a incógnita que daqui a dois meses nos será revelada.

■

Á medida que se aproxima a data da sua inauguração, aumenta o interesse universal pelos Jogos Olímpicos de Berlim. Apezar de tôdas as campanhas contrárias, desportivamente condenáveis porque eram geradas em motivos políticos que nada têm a ver com as nossas coisas, o êxito dos jogos está assegurado.

Por todo o mundo os povos se preparam para a competição e podem já prever-se, nalgumas modalidades, resultados sensacionais.

O torneio de foot-ball, que tanto interessa ao Comité organizador pelo seu aspecto económico, parece cada vez mais comprometido pelos efeitos de interpretação do conceito olímpico do amadorismo.

Apezar das sucessivas concessões do C. O. I., transformando o rigorismo intransigente do seu primitivo critério numa regulamentação elástica, o número de concorrentes não aumenta por forma a garantir ao torneio um valor mundial. Os países onde vigora o regime do amadorismo não perdoam a tolerância do Comité Internacional, e aquêles de regime livre não se resolvem a aceitar reservas.

■

A Volta Ciclista a Espanha, que pela segunda vez acaba de ser disputada com grande êxito popular mas escasso interêsse desportivo, sofreu em parte do seu percurso as conseqüências desastrosas dos acontecimentos políticos que perturbam a vida social da nação visinha.

Numa das caminhadas, que atravessava as Astúrias a caminho da Galiza, os corredores atravessavam a cidade de Oviedo; tudo decorreu normalmente até êsse ponto, mas nas ruas da cidade foi-lhe vedada a passagem por grupos de operários grevistas e não houve outro remédio senão retroceder.

Os organizadores levaram o pelotão por outro percurso, que obrigava a um desvio de mais cem quilómetros e, o que era pior, os afastava do local onde estava instalado o posto de reabastecimento. A situação era embaraçosa, mas foi solucionada da melhor maneira: interrompendo a prova durante o tempo necessário para que todos os ciclistas almoçassem pacata e tranqüilamente num excelente restaurante!

Salazar Carreira.

Na festa do aniversário do Sporting — *O estandarte do Club com a sua guarda de honra e as crianças de classe de gimnástica em saüdação às entidades oficiais*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA POLACA

No dia 3 de Junho comemorou-se na Polónia o 10.º aniversário da posse presidencial do prof. dr. Ignacy Moscicki, uma das figuras mais prestigiosas, não só na Polónia mas também da Europa.

O presidente Moscicki é um homem douto, considerado como uma grande autoridade, sobretudo no domínio da química, electrotécnica, electroquímica e electrofísica.

Depois de ter terminado com a maior distinção os seus estudos universitários de química na Politécnica de Riga, voltou a Varsovia na intenção de dedicar o seu trabalho à Polónia, então subjugada, mas as constantes perseguições dos opressores russos, forçaram-no a deixar o seu país natal e a partir para Londres. Esteve ali 5 anos continuando sempre o seu trabalho. Ao fim dêste tempo, partiu para Friburgo (Suiça) onde logo conquistou a fama de grande inventor e homem de ciência, pelos seus trabalhos demonstrativos de elaboração do método e aparelhagem para a produção do acido azótico, mercê da extração do azóte do ar.

Os trabalhos, mais importantes do presidente Moscicki são os da indústria electrotécnica e electroquímica. — Foi êle quem montou em Friburgo uma grande fábrica de acido azótico sintético, concentrado, de conformidade com os seus inventos. Esta fábrica, que foi a primeira no mundo, onde se produzia o acido concentrado pelo método sintético, tornou-se para a Suiça, durante a Grande Guerra de uma importância enorme, pois satisfez o fornecimento inteiro dos compostos de azóte para o Exército suiço. Simultaneamente estabeleceu em Friburgo uma fábrica de condensadores electricos para a alta tensão, que foi também a primeira do mundo.

A fama universal do prof. dr. Moscicki como um sábio espalhou-se pelo mundo inteiro. Em 1913 foi chamado para Lwów, para reger a cátedra de electroquímica, especialmente criada para êle. Desde êsse tempo trabalhou sempre para a Polónia, realizando muitos melhoramentos no domínio da indústria electrotécnica, estabelecendo várias fábricas indispensaveis para esta indústria e proseguindo nos seus altos estudos.

Paralèlamente dedicou-se aos problemas políticos da Polónia. Foi um dos mais intímos colaboradores da marechal Pilsudski, pela Independencia da Polónia. Sofreu perseguições dos russos, sendo obrigado a deixar o país. Contribuiu poderosamente para a Restauração do Estado Polaco.

A sua posse presidencial data de há 10 anos e exerceu-a sempre com a mais alta competencia, sendo muito querido e estimado pelo povo polaco pelas suas virtudes, nobre carácter, belo coração e alto espírito de justiça.

Rita San.

O prof. dr. Ignacy Moscicki. A' ESQ. *O Chefe do Estado da Polonia é um desportista completo, que se consagra com entusiasmo à caça. Aqui o vemos junto dum urso que abateu.*

EM BAIXO: *O professor Moscicki à sua mesa de trabalho*

FIGURAS E FACTOS

Portugal no Concurso Hípico de Bruxelas

O tenente Luiz de Mena e Silva, montando o cavalo «Sylvain» em que saiu vencedor, no recente concurso hípico de Bruxelas, das provas Saint Michel e Campeonato de Altura, na última das quais foi o único concorrente a saltar 2 metros sem uma falta.

NA Juventude da Galícia realizou-se no mês findo uma interessante festa para eleição da rainha de beleza de 1936 da colónia galaica de Lisboa. Foi proclamada vencedora a senhora D. Conchita Muiños, filha de D. Maria Primitiva Muiños e do sr. dr. Constantino Muiños, que recebeu o título de «Señorita da Juventude da Galícia de 1936». Para damas de honor foram eleitas as senhoras D. Açucena Cruz e D. Concepcion Rocha. A festa decorreu com a maior animação.

Os antigos alunos do Liceu Bocage de Setubal reuniram-se numa festa que decorreu com admirável espírito de confraternização. Realizou-se uma sessão solene, em que diversos oradores usaram da palavra para recordar o passado daquele estabelecimento de ensino e prestar homenagem ao seu actual corpo docente. No final realizou-se um banquete que reuniu grande número de convivas e no decurso do qual se levantaram brindes. A' esquerda, um aspecto do banquete. Em cima, a mesa e parte da assistência à sessão solene.

Festa dos alunos das Escolas Primárias da Figueira da Foz

Os alunos das Escolas Primárias da Figueira da Foz inauguraram no dia 21 do mês findo o seu uniforme. O facto deu lugar a uma festa que foi seguida, à noite, por uma recita infantil, no decurso da qual foi também inaugurado o estandarte e o hino das escolas daquela cidade. A fotografia acima mostra as crianças que a festa reuniu, vendo-se à direita os seus professores.

QUINZE ANOS DE VIDA

A REÜNIÃO DO MEU CURSO

Reuniu ontem o meu curso, o curso de entrada na Faculdade. Vão passados quinze anos. Vieram de todos os pontos do país, de Fozcôa e de Portimão os rapazes do meu curso, aquele punhado de garotos que faz quinze anos, cheio de ilusões, e de sonhos, entrou a vez primeira naquele casarão do Campo Sant'Ana, guardado à vista pelo bronze de Sousa Martins, uma estátua que envergonha uma geração, e da qual Fialho troçou com mão de mestre. O meu curso de entrada não é o de saída da Escola. Durante três anos estive afastado das fainas académicas, e perdi-me dêles. Saí com outros, outros aos quais me ligam outras manchas de tristeza ou alegria. Mas o primeiro, aquele que ontem reuniu, passados quinze anos, ficou sempre o meu curso, tem mais porção da minha vida do que o outro, é mais da minha idade, vem, em parte, de longe, dos tempos do liceu, quando a vida não pesava e a nossa mocidade desafiava tudo, a tudo se atrevia. Estão nele alguns dos meus companheiros de infância, dos primeiros sonhos, quási do tempo do bibe e calção. Estão nele todos os que triunfaram a meu lado, todos os que o laminador da Politécnica não gastou ou consumiu.

Ontem foi o dia dos mortos, e dos cumprimentos, dia de tristes lembranças, dia em que os mortos foram chamados ao nosso convívio, voltaram a estar presentes na nossa memória. Fui encontrar rostos que não via há dez anos, ali, na porta da igreja de S. Domingos. Um a um, como no tempo em que faziamos jôgo de porta a êste ou àquele mestre, foram chegando todos, e enquanto se trocavam os primeiros abraços, as primeiras frases de ternura ou de saùdade, senti-me regressar a tempos idos, quando os primeiros cabelos brancos eram uma hipótese que nos fazia rir, tão confiados estavamos que a nossa mocidade resistiria a tudo, a todos os embates, e atropelos.

A saùdade de os ver e abraçar marcou-me encontro à porta da igreja. Tinha resolvido não assistir às festas do meu curso. Ontem acordei cedo. Eram oito horas. Acordei minado de saùdades, saùdades dos vivos e dos mortos, de todos os que a vida espalhara implacàvelmente pelos quatro cantos de Portugal; dos que foram tombando, um no primeiro ano, o Kalfuss, antes das anatomias; e dos outros, o Giro e o Pulgueira, que a morte levou, quatro ou cinco anos depois da formatura. Fui ao encontro dêles. Aquêles instantes, passados à porta da igreja, enquanto chegavam os retardatários, foram instantes de emoção que se não esquecem, que ficam dentro de nós para sempre, a lembrar uma vida que se vai gastando, que o tempo vai enrolando até ao fim na sua dobadoira silenciosa e trágica. Poucos faltaram; os que estão mais afastados ou os que não conseguiram desembaraçar-se da clínica ficaram longe a moer recordações dos tempos idos.

Estão quási todos na mesma os rapazes do meu curso. Quási todos. Mais velhos, sim, mas para mim que os conheci garotos, despreocupados e alegres, estão na mesma. Mudaram uns de indumentária, os sorrisos de quási todos mudaram também, mas estão iguais. Mais graves, mais sensatos, sim, encontrei-os mais sisudos; ocultando cada um o seu drama, o drama do quotidiano, denunciado por certas rugas que se não escondem, que marcam etapes, a-pesar-de tudo, da alegria do encontro, do regresso àquêle passado que não volta mais, que a vida não matou inteiramente, mas que todos os dias se distancia e se esfuma no tempo.

A amizade, sim, a amizade que une os rapazes do meu curso, a camaradagem, a lealdade, essas não envelheceram, essas qualidades ali estavam à porta da igreja, a chamar-nos a recordações passadas, a tornar presente cinco anos, possìvelmente os melhores da nossa vida, e os mais despreocupados; cinco anos isentos de tôdas as contribuïções, directas ou indirectas, cinco anos nos quais nós nos encontramos todos os dias, passeando no mesmo claustro, sofrendo as mesmas dores, quando os exames se avizinhavam, tribunal de contas à vista...

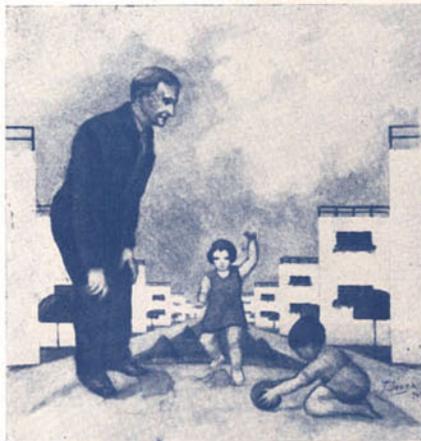
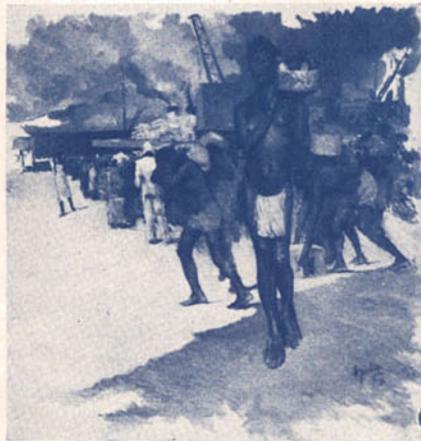
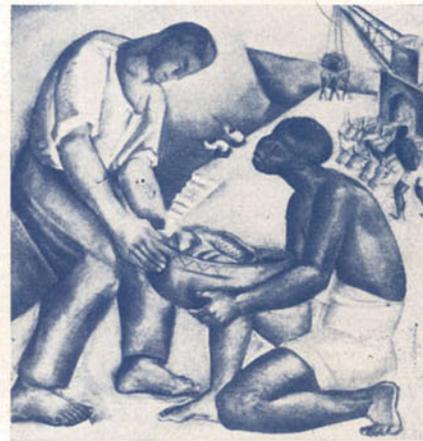
Eram dez e meia quando o bom do padre iniciou a missa. A um lado do altar, à direita de quem atravessa o templo, ficamos todos reunidos, todos juntos, tal e qual como há quinze anos na missa por alma do Kalfuss.

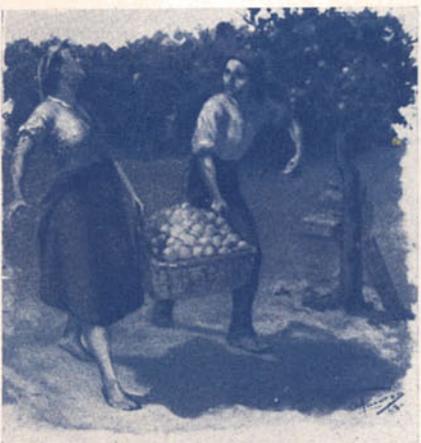
A mesma igreja, o mesmo padre, as mesmas luzes, as mesmas tochas de há quinze anos, consumindo-se numa luz pálida, indecisa; o mesmo sol, coado através dos mesmos vitrais, idêntica manhã de verão... Tudo era igual.

Fixo uns instantes, quási às ocultas, os rostos tristes dos rapazes do meu curso. Fixo um a um, enquanto o padre resa a missa, procede ao sacrifício... Os mesmos de há quinze anos. Agora, esqueço a missa, esqueço tudo, e fixo-me. Encontro-me outro. Há quinze anos? Que saudades, santo Deus, tenho de mim e dos outros. A vida, a morte...

Fachada da Escola Médica e estátua de Sousa Martins

Augusto d'Esaguy.

ALGUNS QUADROS DA EXPOSIÇÃO DO ANO X DA REVOLUÇÃO NACIONAL

Alegria no Trabalho e Casas Económicas, por *José de Sousa* — Para proteger a família e o seu ambiente o Estado tem promovido a construção de casas económicas, tanto em Lisboa como em diversas terras do país. Ao mesmo tempo, incita à alegria no trabalho como meio de fortalecer, educar e distrair o corpo e o espírito dos que trabalham.

Obras Públicas nas Colónias, por *Fernando Santos* — Nas províncias ultramarinas a actividade do Estado é representada por importantes obras destinadas a valorizar as riquezas naturais. Contam-se entre elas, como mais importantes, as do porto do Lobito, em que se gastaram 58.000 contos e os melhoramentos no porto e caminho de ferro de Mormugão no valor de 33.000 contos.

Obras Públicas nas Colónias, por *Armando Lucena* — O desenvolvimento dos meios de comunicação, principalmente em Angola e Moçambique, recebeu um notável impulso. Nesta última colónia constituiram-se em seis anos 350 quilómetros de via férrea e 9.000 quilómetros de estradas. Em Angola o aumento da rede de estradas no período que vai de 1926 a 1924 foi de cêrca de 10.000 quilómetros.

Ensino Primário, por *Ricardo Bensaúde* — O ensino primário, problema da mais alta importância, tem merecido os cuidados devidos. A freqüência das escolas de todo o país no ano corrente é de 444.000 alunos, o que corresponde a 64 % da população escolar recenseada. O número de cantinas e caixas escolares que fornecem refeições, vestuário e livros às crianças necessitadas é de 3.245. Construiram-se 360 escolas novas com 747 aulas.

Frutas, por *Alberto de Lacerda* — A valorização das frutas nacionais foi fomentada pela promulgação do Estatuto de Fruticultura e Horticultura Nacionais e pela criação de organismos destinados a regularizar e coordenar o comércio de exportação, promovendo a propaganda, defeza e expansão dos nossos produtos nos mercados estrangeiros. Esta acção, persistentemente desenvolvida, produziu já notáveis resultados.

Edifícios, por *D. Estrêla Faria* — Tem-se procurado atender ao problema do abandono que se encontram votados muitos edifícios públicos. Para êsse fim, o Estado organiza os respectivos serviços de modo a tornar-se possível a construção de alguns, a reparação de outros e a conservação dos restantes. As verbas consagradas nos últimos dez anos a êsses trabalho ascendem a 149.000 contos, além de uma participação de 45.000 contos em outras obras.

Belas Artes, Monumentos Nacionais, por *Armando Lucena* — A valorização do património artístico da Nação tem o Estado consagrado verbas importantes. Empregaram-se 12.800 contos na restauração e beneficiação dos monumentos nacionais e 2.000 contos nas obras dos Palácios Nacionais. Criou-se a Academia Nacional de Belas Artes e favoreceu-se a representação de artistas portugueses nas grandes exposições internacionais.

Unidade Política do Império, por *H. Santos Júnior* — Três importantes documentos realizaram a unidade política e administrativa do Império: o Acto Colonial, a Carta Orgânica do Império e a Reforma Administrativa Ultramarina. A completar esta obra legislativa organizaram-se conferências dos governadores coloniais e a Conferência Económica do Império. O equilíbrio dos vários orçamentos das colónias consolida o trabalho realizado.

Hidráulica Geral, por *Sousa Gomes* — Com os trabalhos de limpezas e conservação de valas, canais e outros cursos de água, gastaram-se de 1927 a 1935 mais de 13.000 contos. As dragagens realizadas em portos, rios e vales representam um volume superior a quatro milhões de metros cúbicos e custaram cerca de 14.000 contos. Procede-se agora ao estudo minucioso dos cursos de água, dos quais se encontram concluídos onze.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Central Cinema

Com uma enorme e seléta concorrencia, realisou-se no dia 14 do mês findo, no Central Cinema, uma tarde de cinema, de caridade, levada a efeito por uma comissão composta de gentis creanças pertencentes ás principais famílias da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes meninas Betty Sousa Holstein Beck, Izabel da Câmara Pinto Basto, Leonor Ottelini Diniz, Maria Beatriz da Câmara Ferreira, Maria Luiza de Melo e Castro, Maria de Melo (Cartaxo), Matilde Pinheiro Espírito Santos Silva, Véra Santos de Vilhena e os meninos Fausto Mendes de Almeida de Figueiredo, Pedro de Sousa Holestein Beck e D. Sebastião de Almeida Daun e Lorêna (Pombal), cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista.

A comissão organisadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro.

— Na tarde de sabado 13, dia de Santo António realizou-se no Central Cinema, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes senhoras: D. Ediane Simões de Abreu, D. Francisca Maria de Vasconcelos e Souza; D. Manuela Ruiz Correia da Cunha, D. Maria Antónia de Castro e Almeida, D. Maria do Carmelo Montes e Freitas, D. Maria da Conceição Teixeira de Sampaio, D. Maria das Dôres Afonso Viana, D. Maria Francisca de Meireles, D. Maria da Graça Magalhães Vilas-Boas, D. Maria Júlia Ferreira Lima Pacheco, D. Maria de Lourdes da Costa Souza de Macedo (Mesquitela), D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Luiza Ressano Garcia, D. Maria Luiza Xavier Cordeiro, D. Maria Rebelo de Andrade, D. Maria Romana de Carvalho Dumas e D. Maria de Souza e Holstein Beck (Povoa), cujo producto se destinava a favor da Congregação de Santa Inês, da freguezia de Santa Izabel, e das Casas do Trabalho de Nossa Senhora de Fatima, e de Santa Inêz, da freguezia de S. Mamede, sendo o programa formado por filmes que agradaram muitissimo à seleta concorrencia.

«Na Lisboa Antiga»

A favor do cofre da «União Noelista de Lisboa», efectuou-se na noite de vespera de Santo António um «Arraial Popular» e na tarde do dia de Santo António, uma «ginkana infantil» levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: D. Ana Maria Gambôa Bandeira de Melo, D. Maria Alice Costa Rodrigues, D. Maria Amélia Pereira da Cunha, D. Maria do Carmo Paiva de Andrade, D. Maria da Conceição Costa, D. Maria Emília Botelho, D. Maria Eugénia Costa, D. Maria Eugénia Mendes de Almeida, D. Maria de Lourdes Godinho Saldanha, D. Maria de Lourdes Saldanha, D. Maria Luiza Ressano Garcia, D. Maria Madalena de Castelo Branco (Sardoal), e D. Matilde Quintanilha Pinto.

Tanto o «arraial», como a «ginkana» fôram elegantemente concorridas, tendo decerto a comissão organisadora ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como artístico.

Nascimentos

A sr.ª D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, esposa do sr. dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha estão de perfeita saude.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Beatriz Cau da Costa de Santa Rita Nunes da Silva esposa do sr. Luís Nunes da Silva. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Betty Dumond, esposa de Dumond, sendo assistida pelo ilustre cirurgião sr. dr. Celestino Henriques. Mãi e filha estão de perfeita saude.

— A sr.ª D. Balbina do Carmo Rodrigues da Costa Gomes Lopes, esposa do sr. Luís Antunes Lopes, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

Casamentos

Na paroquial da Graça, realizou-se o casamento da sr.ª D. Paulina de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Paulina Augusta de Carvalho e do sr. António de Carvalho, com o sr. António Henriques, filho da sr.ª D. Emília de Jesus Henriques e do sr. Joaquim Henriques, servindo de madrinhas as sr.as D. Alice Penteado Pinto e D. Margarida de Morais Sarmento e de padrinhos os srs. tenente coronel João Maria Penteado Pinto e o sr. dr. António Alberto Corado, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em capela armada na elegante residência da sr.ª D. Laurinda Dias da Luz, e do sr. Alfredo da Luz, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Emília, com o sr. João da Costa, filho da sr.ª D. Maria Frazão e do sr. João Frazão, servindo de madrinhas as sr.as D. Virgínia da Conceição Dias e D. Palmira Dias da Luz e de padrinhos os srs. Alfredo da Luz e Alvaro de Avelar Barros Ferreira. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se no Porto, na paroquial de Paranhos, o casamento da sr.ª D. Olinda de Sousa Bandeira Rodrigues, gentil filha da sr.ª D. Zulmira de Sousa Bandeira Rodrigues e do sr. Joaquim Bandeira Rodrigues, com o sr. João Augusto Baptista Duque, filho da sr.ª D. Gabriela Baptista Duque e do sr. João Duque, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

— Em Olhão realizou-se com uma enorme e selecta concorrência, na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Martins Alves, gentil filha da sr.ª D. Maria Luciana Martins Alves e do sr. Feliciano Martins Alves, com o sr. Rodrigo Alves Ribeiro, funcionário do Instituto Nacional de Estatística, filho da sr.ª D. Maria Amélia Alves Ribeiro e do sr. Tomaz da Silva Ribeiro, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Guilherme Martins Alves. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram fixar residência.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Zeraida Salema Braga, com o sr. dr. Fernando Rogerio de Albuquerque e Castro Amaro, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Sofia Pacheco da Costa Salema Braga, mãe da noiva, e D. Márcia Alcântara Albuquerque e Castro Amaro, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. dr. José Augusto Salema Braga, irmão da noiva e o tenente coronel Ernesto Gonçalves Amaro, pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche na residência da noiva, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a sua propriedade na Sabuga, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Margarida José de Jesus Clara Francisca de Mendóça (Azambuja), interessante filha da sr.ª D. Adelaide de Almeida e Vasconcelos de Mendóça e do sr. D. Pedro de Mendóça Rolim de Moura Barreto (Azambuja), com o sr. conde de Arcos, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Fernanda de Almeida e Vasconcelos de Mendóça e D. Maria Domingas de Noronha de Mendóça, cunhadas da noiva e de padrinhos os srs. marquês de Vagos e conde de S. Vicente, primos respectivamente da mãe e do pai do noivo.

— Pela condessa da Foz, foi pedida em casamento para seu filho D. Eduardo, à sr.ª Marqueza de Fontes Pereira de Melo, sua gentil neta D. Maria Emília, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mez.

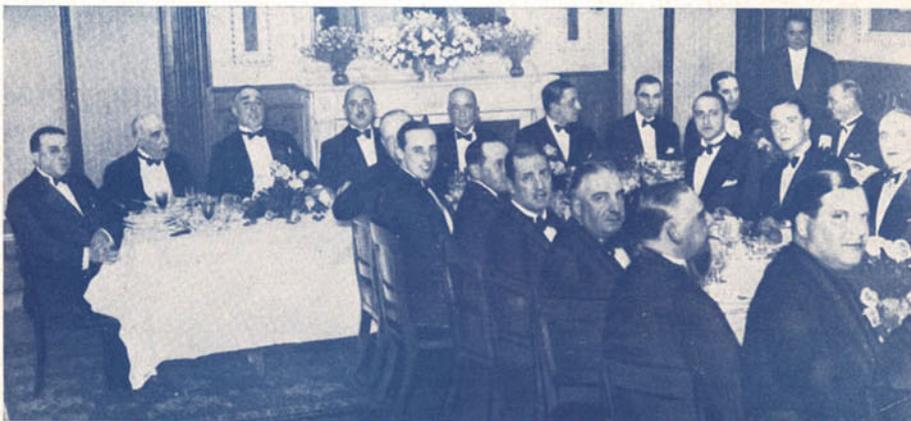
— Na paroquial dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, realizou-se o casamento da sr.ª D Aurélia Diaz e Tuesta, interessante filha da sr.ª D. Concepcion Diaz de Tuesta e do sr. D. Alejandro Diaz de Tuesta, com o sr. Lopes Côrtes Matos, filho da sr.ª D. Carmen Matos Perez e do sr. José Côrtes Guerra, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Angela Perez Caetano e de padrinhos o pae da noiva e o sr. Lopo Perez, presidindo ao acto o reverendo Zeferino Diaz de Tuesta, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas para o estrangeiro, onde fôram passar a lua de mel.

Bodas de prata

Festejando as suas bodas de prata vinte e cinco anos de casados, ofereceram a sr.ª D. Emília Anciães Proença Pereira do Vale e o sr. Elizio Pereira do Vale, na sua elegante residência, à rua Antero do Quental, uma interessante festa a que assistiram apenas as pessoas das suas mais íntimas relações.

Os ilustres donos da casa, seus filhos e genro foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

D. Nuno.

Aspecto do banquete realizado no «Turf Club» e em que foram convivas muitas das figuras em destaque na aristocracia portuguesa

UMA GRANDE POETISA

PORTUGAL acaba de receber a visita duma grande poetisa. Helena Vacaresco, a mulher que tão bem soube aproveitar os dons preciosos do talento e da inspiração, esteve entre nós, visitando o país e espalhando o encanto da sua voz musical, em algumas conferências que encantaram os que a ouviram.

Helena Vacaresco, como poetisa e como escritora é uma das senhoras que mais se tem imposto á sociedade culta europeia. As suas producões poeticas da mais admirável inspiração, a sua prosa energica e decidida, impõe-na á admiração dos seus contemporaneos e ao respeito pelo seu valor pessoal e intelectual. Como mulher de acção é para notar a sua influencia no mundo das letras, onde representa, brilhantemente a Romenia, o seu país natal, a que o seu coração de patriota a liga tão fortemente, apesar de ha muitos anos viver em Paris, pois a França é o seu país de eleição.

Helena Vacaresco é a mulher que personifica o romance vivido. Descendente da nobre família Vacaresco, muito nova ainda, começou a manifestar os seus dotes preciosos de poetisa, a elevação da sua inteligencia.

Reinava então na Romenia a rainha Isabel, uma das mulheres de mais talento dêsse tempo, e que se tornou célebre nas letras, com o pseudónimo de Carmen Sylva. A rainha adorava rodear-se de raparigas novas inteligentes, que dessem á sua côrte não só o brilho duma côrte onde a beleza pontificava, mas também o interesse, que a convivencia de intelectos superiores dá.

Entre essas meninas, fina flor da aristocracia de sangue e de inteligência, brilhava como astro de primeira plana Helena Vacaresco, que a sua beleza fina e espiritual aliava o interesse duma superior cultura e duma vasta inteligência.

Em breve foi a amiga preferida da Carmen Sylva que a distinguia entre todas, mas não só a rainha artista se entusiasmou; seu filho o herdeiro da corôa notou a gentil menina, a amiga de sua mãe e por esta se apaixonou.

A rainha espírito romântico, favorecia os amores dos dois jovens, que encontraram uma oposição feroz da parte do rei, que levou como nos antigos romances a sua tirania ao ponto de exilar a rainha e Helena Vacaresco, que em Veneza choravam juntas, uma o seu reino longiquo, a outra o seu amor perdido. O principe menos forte na luta tinha-se sujeitado ao casamento imposto pela razão de Estado.

Mas Helena Vacaresco não era mulher para se deixar vencer pela adversidade, e a sua inteligência lutou no campo das letras. Ela que não foi rainha da Romenia, tornou-se rainha nas letras, nesse vasto reinado, que se conquista, não por herança nem razão de Estado, mas sim pelo valor pessoal que se impõe a todos como o melhor dom de Deus, aquele que, se pode chamar divinal. Durante a sua estadia em Lisboa a notavel poetisa que tem feito a honra das letras francesas, porque é em francês, que ela tem escrito, como a sua amiga, parente e compatriota a condessa de Noailles, fez apenas três conferências o que foi muito pouco para os seus imensos admiradores.

Uma na Emissora Nacional, que foi radiofundida por todo o país levando a magia da sua voz a todos os recantos de Portugal, conferência em que foi apresentada por Virginia Vitorina, a poetisa admirável, que é uma das grandes glórias portuguesas, dramaturga insigne e que melhor do que ninguém podia falar dessa mulher, que como ela, é rainha na poesia e no talento.

A outra no Secretariado de Propaganda Nacional, foi um encanto, não só pela sua maneira adorável de dizer, mas também porque o assunto era do maior interêsse.

Helena Vacaresco, falou às mulheres de Portugal de Ana de Noailles a grande poetisa, que por seu pai era principe de Brancovan e por sua mãe Vacaresco. Essa mulher que foi uma das suas melhores amigas e que foi duma originalidade de espírito que tornou a sua arte uma obra de refulgentes pedrarias, essa que:

Nature au coeur profond sur qui les cieux reposent
Nul n'aura comme moi si chaudement aimé
La lumière des jours et la douceur des choses
L'eau luisante et la terre où la vie a germé.

E ninguém melhor do que Helena Vacaresco poderia falar dêsse espírito invulgar, ela que a conheceu profundamente e que tão bem doada como ela podia compreender todo o seu valor, porque um igual possuia.

A última do maior interêsse e que versou sôbre Isabel, rainha de Inglaterra, deu a medida exacta do seu alto valor de mulher e de política, porque retratou admiràvelmente o perfil dessa mulher, que na herança paterna tantos taras herdára.

A visita de Helena Vacaresco a Portugal foi uma honra para o país, porque a aura de talento que a rodeia, espalha-se a sua volta e o nosso país de tão poéticas tradições deve ter inspirado essa mulher, que tão bem sabe sentir e expressar o que sente na mais poética e elevada das linguagens.

Para as mulheres portuguesas foi sem dúvida um prazer inefável ouvir falar tão bem e com tão grande interêsse como o fez a distinta poetisa sôbre mulheres de tão alto valor.

Saudemos pois essa mulher que não foi rainha no seu país, mas é rainha de arte e tem no meio intelectual da Europa, um lugar de destaque, conquistado, pelo seu saber, pela sua vastissima cultura e pelo império da sua forte vontade, que a fez vencer onde outras sucumbem.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Para todos os que dizem que o espírito de Fé acabou em Portugal não há melhor desmentido do que uma visita à Fátima, nos dias de grande peregrinação a 13 de Maio ou a 13 de Outubro.

Os milhares e milhares de peregrinos que na Cova da Iria, (próprio sítio onde Nossa Senhora do Rosário fez a sua aparição a três pastorinhas humildes e incultas), se reunem não vão para se divertirem, porque se sujeitam às maiores incomodidades.

Desde as que vão em luxuoso Packard até àqueles, que a pé vêem de longínquas terras, tôdas nessa noite de 12 para 13 passam as incomodidades mais violentas, relativamente à vida que levam.

O sacrifício e a penitência que uma ida a Fátima representa nesses dias é bem compensado pelo prazer espiritual e pela beleza da procissão das velas que enche de luz e de vida êsse ermo, que é habitualmente a Cova da Iria, no alto da agreste serra.

Só a Fé, só o desejo de comunicar com a Mãi de Deus pode levar os homens a suportar as dificuldades da viagem e as incomodidades que a falta de instalação traz.

Dentro de anos será tão fácil ir a Fátima como o é ir a Lourdes, numerosos hoteis abrigarão os peregrinos que mais e mais numerosos são de ano para ano.

E em parte nenhuma do mundo pode ver-se melhor a fraternidade humana do que nesse lugar santificado pela santa aparição. Ali não há distâncias sociais, ali existe a mais perfeita das igualdades, a igualdade cristã.

Por muitas seitas políticas que os homens inventem, socialismo, comunismo, nada igualará nunca o cristianismo e a razão é bem fácil de compreender, a base do comunismo, do socialismo é o ódio ao que tem mais, ao que vale mais, ao que manda mais, no cristianismo a base é o amor, o amar uns aos outros, o amar a Deus, que impõe que uns aos outros nos amemos como a nós mesmos.

A mulher do povo, das serras agrestes, que fala um português, que quási se não compreende, confraterniza com a senhora da alta sociedade, com a mulher culta e repartem uma com a outra o lugar onde conseguem repousar os membros cansados duma noite de vigília, as famílias, que trazem abundante comida, para as suas refeições, repartem do farto farnel, com as pobres, que nada trouxeram, porque nada tinham que trazer.

Essa igualdade que se respira na Fátima deveria ser sempre aquela que iluminasse o mundo. Todos no seu lugar, mas todos auxiliando-se mutuamente com os olhos em Deus esperando uma mais alta e mais nobre recompensa. A recompensa que só Deus pode dar.

Mas se na Fátima se encontra a devoção e a Fé, entristece constatar nesse contacto com as massas, que o espírito de Fé existe mas não um espírito de Fé esclarecida.

O povo é muito ignorante e há um misto de superstição na sua Fé, que faz pensar que as crentes, que têm a felicidade de ter ilustração, têem o dever de continuar a sua obra de Fraternidade, de Igualdade fora de Fátima, ensinando a religião católica a êsse bom povo crente, mas ignorante.

Iluminar a mente dessa pobre gente, fazer-lhe ver, que amar a Deus e a Virgem Maria implica uma compreensão perfeita dos ensinamentos de Jesus Cristo e que não é exteriozando actos de quási barbarismo, que se exalta a Fé.

Aos católicos praticantes incumbe essa tarefa, que o pouco clero do nosso país não pode realizar só, embora tenha um trabalho esgotante.

Ás mulheres cabe um importante lugar neste assunto, que a tódas deve interessar, esclarecer e iluminar a mente dos crentes portugueses, que com Fé atravessam o país sobem a serras altíssimas para vir prestar o seu culto à Nossa Senhora da Fátima.

Mas também é preciso lembrar à senhora elegante que Fátima é um lugar profundamente religioso, e, que não é preciso ter tanta pintura, nas caras, que água não viram, para comungar, no local onde a Mãi de Deus num ano de tão grande aflição veio trazer aos portugueses a animadora esperança de dias melhores que iluminaram, numa realizada esperança, anos de sofrimento.

Maria de Eça.

A moda

O algodão triunfa êste ano sôbre a sêda e a lã. Póde dizer-se que em época nenhuma se fizeram lindos tecidos em algodão como as que hoje se fazem.

Há cambraias que são um verdadeiro sônho, e que têm o mais deslumbrante aspecto. Côres dum mimo como em nenhum outro tecido se vêem. Diz-se que a imposição do algodão nos vem da Inglaterra, que via com terror as suas fábricas diminuir a produção, por falta de consumidores.

Venha de onde vier, seja benvinda esta moda, que nos traz tão lindos e frescos vestidos, que fazem sobresaír a mocidade e a graça simples das raparigas, que com nenhum outro vestido brilham mais do que com um simples vestidinho de cambraia.

Damos hoje vários modêlos que devem agradar ás nossas leitoras, pela sua grande simplicidade e elegância. Para a noite, dois lindos vestidos, um dum grande efeito é em «taffetas», o corpo formando «ruches» nas mangas, que lhe dão um aspecto elegantissimo, a sáia em tule saíndo franzida da cintura. Em preto é da maior elegância êste vestido, mas póde também fazer-se em branco, côr de rosa ou azul.

Para chá dansante e jantar, temos um vestido muito bonito em «chiffon» estampada em flôres, tecido tão usado êste ano e que pela sua alegria se presta a fazer os mais graciosos vestidos. As mangas a três quartos dão-lhe a nota marcante dêste ano, e umas fllôres do mesmo tecido na cintura, são a sua única guarnição. Não se guarnecem os vestidos alabirintados no desenho por que seria torná-los pesados.

Para passeio temos três vestidos do melhor gôsto e novidade. Um dêles é num tecido de lã em quadradinhos brancos e castanhos da maior e mais graciosa simplicidade a sua única guarnição é um «jabot» no avêsso do vestido. Um cinto em coiro castanho e um chapéo em palha «panamá» completam a «toilette».

O do meio em «cloqué» de sêda azul escuro têm uma aba que lhe dá um aspecto de casaco ou blusa russa. Cinto em pelica branca e uma volta em sêda branca, marcando a gola e a abotoadura. Chapéo em palha azul escura com uma flôr branca como guarnição.

O terceiro é um tecido de algodão ás riscas. A guarnição é formada pela disposição das riscas em várias direções, e por uns laços em azul escuro, uma boina em palha azul escura com um «pompom» em sêda completa o conjunto.

Para Casino ou chá, vestido em «crêpe imprimé» fundo vermelho com desenhos brancos e gola branca em sêda plissada. Chapéu fórma segundo império com uma guarnição de cabecinhas de pluma, á frente, o chapéu é preto e as plumas em vermelho e branco. Um véu graciosamente colocado, dá-lhe a nota de leveza.

Vestido em «côtelé» de lã grosso, em preto, guarnecido com uma gola e flôres em cambraia branca. Chapéu com aba voltada em palha preta brilhante, guarnecido com uma pena preta e outra branca. E' uma toilette para as tardes frescas e ventosas tão vulgares no nosso país, em que é sempre preciso ter um vestido forte.

Higiene e beleza

Para ter uma linda cabeleira é preciso ter com ela os cuidados necessários, e não póde haver uma beleza completa sem uma bonita cabeleira.

A primeira coisa é preciso escovar bem o cabelo, com uma escôva bem forte, mas escovar por dentro, levantando os cabelos, depois deve fazer-se uma massagem sêca com as pontas dos dedos, que se póde também fazer molhando as pontas dos dedos numa loção alcoolisada.

As pessôas que têm o cabelo muito sêco e que parte com muita facilidade devem usar um ólio vegetal para o lubrificar. Devem abrir-se riscas no cabelo e com um algodão molhado no ólio passar a cabeça tôda, esfregando bem para conseguir introduzir bem, quando a cabeça está bem embebida embrulha-se numa toalha molhada em água quente, porque o calor permite melhor a penetração do ólio. Depois seca-se tendo passado a cabeça tôda em água morna e um sabonete desinfectante.

Assim se póde ter em pouco tempo uma cabeleira formosa.

Vida de Londres

Não há perigo em Londres de ir para a cama com fóme ou com sêde, mesmo altas horas da noite. A área da Metrópole, está semeada de restaurantes ou para melhor dizer «buffets» volantes, que das nove da noite ás seis da manhã, fornecem «sandwiches», pasteis de carne quentes, batatas fritas, caldo, ovos e também cigarros.

Serviço em geral bom, que tornou célebres estes carros que à noite enxameiam. Há vários em vários pontos da cidade, sobretudo em Hyde Park, mas o mais freqüentado é o de Fred.

O carro de Fred é o centro da vida moderna, de Hyde Park. Fred é um homenzarrão alegre, costas largas, braços compridos, e duma energia maravilhosa. Está no seu carro com a magestade e a simplicidade dum capitão de navios na sua ponte de comando.

Deita a mão à chaleira, prepara «sandwiches» de presunto ou ovos, troca dinheiro, fala do tempo que faz, esperta o homem que está ao fogão, e, ainda conversa animadamente com os seus clientes.

Dá prazer a sua actividade. São imensos os londrinos, que vão à encruzilhada de Queen's Road com Bishop's Road, onde pára o carro, só para ver Fred trabalhar e êle orgulha-se disso. Quando às seis da manhã levanta o campo, deixa um vácuo.

Os melhores clientes de Fred, são os «chauffeurs» que em Londres, são conhecidos como grandes bebedores de chá. Mas não são só estes que dão a preferência a Fred.

Uma clientela mais elegante enche muitas madrugadas o seu carro. Senhoras em ricas «toilettes» e senhores de chapéu alto, vão ali cear e não desdenham de comer os frescos ovos e o belo presunto, que o grande Fred serve, usando o seu melhor sorriso para receber as mulheres bonitas que ali entram.

E Fred é um conhecedor, porque quando êle se inclina até ao chão é uma verdadeira beleza que passa.

Há nas grandes cidades estes tipos que tendo uma vida modesta adquirem uma celebridade mundial.

Conselhos úteis

As pérolas doentes — É evidente que se trata de pérolas verdadeiras e não das imensas pérolas falsas que invadiram o mundo desde as pérolas Zecla as que andam aí pelas esquinas oferecidas pelos chinezes.

As pérolas verdadeiras ás vezes adoecem e perdem o seu brilho. A uma senhora da alta aristocracia inglesa que possuia magnificas pérolas aconteceu vê-las perder o brilho que as tornava inconfundiveis.

Para lhes restituir a primitiva beleza, pô las num estojo de metal tapado e crivado de furos e afundou-as no mar onde estiveram alguns meses. E quando foram de novo pescadas viu-se que tinham readquirido todo o seu esplendor e brilho originais. Mas como nem todos possuem parques banhados pelo mar onde possam fazer êsse tratamento; aliaz usado pelos grandes negociantes de pérolas, aconselhamos a trazê-las junto à pele por muito tempo.

Há pessoas que têm uma pele que torna as pérolas brilhantes e lindas.

Receitas de cozinha

Linguados grelhados Saint Germain: — Para 6 pessôas, seis bons linguados, dos chamados de posta: 1.º Cortam em quartos cinco ou seis batatas, em forma de azeitonas: temperam-se com sal, pimenta e levam-se a cozer em manteiga numa frigideira voltando-as de vez em quando.

2.º Preparam dois decilitros e meio de môlho «mayonnaise», feito com gêma de ôvo, sal, pimenta, um pouco de mostarda, vinagre, desmanchando o ôvo muito bem. Sôbre essa mistura deixa-se caír um bom azeite, em delgado fio batendo sempre com o garfo, para juntar o ôvo com o azeite, até tomar uma consistencia gelatinosa, junta-se então salsa, finamente picada.

3.º Partem-se as cabeças dos linguados depois de as limpar bem, temperam-se com sal e pimenta, cobrem-se com manteiga derretida e passam-se em pão ralado, que, fique bem ligado. Regam-se com manteiga derretida e grelham-se em lume brando, voltando-as duas ou três vezes. Colocam-se numa travessa com as batatas e servem-se com o môlho àparte.

A mulher moderna

É extraordinário ver como a mulher consegue adaptar-se á moda.

Usa-se ser gorda, são apreciados os decotes assetinados e fortes? As mulheres apresentam ombros roliços e bustos desenvolvidos. A Moda declara que a mulher para ser elegante deve ser quasi esquelética, e nós vemos á nossa volta mulheres, que nos dão a impressão que se vier uma rabanada de vento, elas não lhe podem resistir porque têm o pêso duma fôlha sêca. Agora volta a usar-se o busto desenvolvido e as mulheres que há alguns anos eram como tábuas de engomar, apresentam as redondezas que a moda exige.

E ainda há quem diga que a mulher não é condescendente e que se revolta a tudo que lhe querem impor. Não há escrava mais humilde do que é a mulher para com a moda.

A moda actual está dentro do que é racional. Exige um corpo em que não haja excesso de gordura, mas que tenha as formas normais femininas, que se adaptem ao género de vestuário que foi decretado elegante. Felizmente já não é preciso para ser elegante, ter um corpo esguio e sêco, as omoplatas salientes, uma pancada no estômago e um peito de homem.

A mulher torna a ser mulher nas suas formas naturais e no seu vestuário, que lhe dá uma grande linha de elegância.

Um grande entendido em elegância feminina, um parisiense, diz: «Não há dúvida que nasceu um estilo inspirado por uma certa preocupação de saúde corporal. A maneira de o conseguir? Ser sã antes de tudo, evitar a gordura, que é, quer queiram ou não, uma doença, e desenvolver o sistema muscular para que êle possa obedecer sem a mínima revolta, ao espírito, motor da máquina humana». A par disto é necessário que a mulher não esqueça que tem uma alma e que a cultive, e, assim será a mulher moderna perfeita.

De mulher para mulher

Zuarme: — É um nome bonito, mas porque não põe à sua filha um nome bem português, não compreendo porque têm nomes franceses sendo portugueses. São destas coisas, que não têm razão de ser. E não é nada distinto.

Celéste: — Têm uma enorme escolha em tecidos leves, êste ano. Não me lembro, há muitos anos de ver tantas coisas bonitas nêsse género. Com uma capeline em palha guarnecida a flôres completa a «toilette», que deve ficar lindamente aos seus 18 anos.

Aborrecida: — Uma rapariga de vinte anos não têm o direito de estar nunca aborrecida, distráia-se, passeie e trabalhe, sobretudo trabalhe, creia que nada há que mais entretenha e mais afaste o aborrecimento que o trabalho. Mas nêsse aborrecimento que lhe causa o tédio da vida não haverá uma desilusão de amor? Se há trate de a esquecer e lembre-se que só se têm vinte anos uma vez na vida.

Opiniões duma rainha

A rainha Margarida de Itália, mãe de Vitor Manuel, era tão bela como inteligente e duma doçura encantadora, sabia exprimir as suas opiniões sem maguar ninguem.

Sôbre os homens tinha uma opinião que é interessante registar.

«Os homens são de muito má fé — dizia ela — quando os ouvia condenar o coquetismo das mulheres. Se as mulheres desistissem de se enfeitar, seriam êles os primeiros a implorar-lhes, que o fizessem tão insipidos lhes pareceriam o o «flirt» e o amor.

E acrescentava: Ha vinte espécies de coquetismo para as mulheres e outras tantas para os homens. Eles têm o coquetismo e a vaidade da idade, do talento, do físico e das pretensões e êste é o peor de todos, porque é o mais perigoso para as mulheres.

Não se póde dizer que a rainha não tivesse observação e não soubesse julgar o sexo fraco, que tem afinal as mesmas *vaidades* que o sexo fraco.

Pensamentos

A vida do homem é repartida entre dois sentimentos qual dêles o mais forte, o amor e a ambição.

A lisonja engana os vaidosos, a quem ela sabe envolver nas suas redes de viro falso.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 60

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

LAPSO

Na categoria «Decifradores», *Quadro de Mérito*, não foi por lapso incluído o nosso estimado amigo e assíduo colaborador *Silva Lima*, com 18 pontos, pelo que lhe apresentamos as nossas desculpas.

APURAMENTOS

N.º 51

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAGNATE
N.º 25

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 20, Kossor; n.º 17, Repórter Fatal; n.º 18, Vina.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Capitão Terror.

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 24. — Fan-Fan, 22. — Ti-Beado, 22. — Salustiano, 21. — Rei-Luso, 20. — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Sonhador, 18. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 16 — Salustiano, 16

OUTROS DECIFRADORES

D. Diana, 11. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Tombo-bola-tômbola. 2 — Bola-lacha-bolacha. 3 — Sôbre-câmara. 4 — Mágoa. 5 — Pingola. 6 — Represado. 7 — Cávia. 8 — Piqueta. 9 — Espalmo-esmo. 10 — Amada-Ada. 11 — Chumela-chula. 12 — Roleta-rota. 13 — Maia-o-ão. 14 — I I K (Isca). 15 — *Esbulho.* 16 — Some-menos-somenos. 17 — Cuida-dado-cuidado. 18 — Agra-grado-agrado. 19 — Aninho. 20 — Mágoa. 21 — Tedioso. 22 — Repica-ponto. 23 — Jeitoso. 24 — Aurora-aura. 25 — *Ida boa, tornada nunca.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) «*Reparo*» na tua *criada*: que *verbosidade!* (2-2) 3.
Lisboa — *Capitão Terror*

2) Logo que haja *maré* hei-de verificar se o *peixe* (*) come o *rebento da raiz* de certa planta. 2-2 (3).
Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

3) É *fugir* quando é *áspero* o *bofetão!* 2-2 (3).
Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

(*) semelhante ao pargo.

NOVÍSSIMAS

4) Na minha *adega, onde* tenho um aquário, existe um *peixe* (**) de grandes dimensões. 2-1.
Leiria — *Magnte (L. A. C.)*

5) A **doença** abranda *logo que* se chame um *enfermeiro.* 2-2.
Luanda — *Ti-Beado*

6) *Então* fui *aqui* ferido pelo *chefe de tribus africanas.* 1-1.
Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

SINCOPADAS

7) Nasci *de cara larga.* Que triste o meu *destino...* 3-2.
Lisboa — *Filho d'Algo*

8) O *beberrão* gosta de trajar *gibão.* 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

9) Mas que *janota* é o «*guarda*» do seu jardim! 3-2.
Lisboa — *Veterano*
(A Rei Fera)

10) *Asseguro* desde já ao «*senhor*» director a minha assídua colaboração. 3-2.
Lisboa — *Vidalegre*

11) Ao *serão* trabalha-se com uma luz *quási escura.* 3-2.
Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

12) Nem um só *trapo* cobre a *criança.* 3-2.
Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

13) Deshonra foi, portanto, para mim,
A tua frase, cheia de veneno;
Se acôrdo houve, após, nem mesmo assim
Deixou de ser um dito vil, terreno.
Não quis fazer do caso algum chinfrim,
Guardei segrêdo; e vai já mui distante
Aquela data! A vida vai no fim
E nunca fui qualquer *denunciante.*
Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

(**) acantopterígio.

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO

LISBOA

MEFISTOFÉLICAS

14) O *alimento* preciso,
Normal para tôda a gente
A quem não falta o *juízo*,
Não chega bem, certamente,
Para *pessoa indolente.* (2-2) 3
Lisboa — *Miss Diabo*

15) Já *começo* a duvidar
Que um dia possa *surdir*,
Como estás a garantir,
Que a coisa há-de *rebentar.* (2-2) 3
Lisboa — *To-My*

NOVÍSSIMAS

16) Se os meus olhos *levantar* — 2
Para ti, tirana, um dia,
Hás-de sofrer e chorar,
Perderás tôda a alegria.

Não terei *pena* de ti, — 1
Nessa minha atroz vingança.
Amei, chorei e sofri
E morreu a minha esp'rança.

Não rias do que disser,
Porque essa tua *vaidade*,
Pobrezinha, há-de morrer
De amargura e de saudade.
Lisboa — *Capitão Terror*

(Ao ilustre SILENO, agradecendo a sua FRANCISCANADA

17) Sou mulher — e portuguesa;
Conseguiu-me comover
Com a sua «gentileza»,
Que aqui venho agradecer.

Houvera festança grossa
Em casa do Zé Cabaça.
O Canuto grande mossa
Na garrafa da cachaça

Fêz, metido na frasqueira...
Deu cabo da «rija» nova ..
Depois, uma bebedeira
Mestra — de caixão à cova ..

Sentindo-se *aliviado*, — 2
Após um «banho» de soda,
Lá foi p'ra casa zangado,
A cabeça um tanto à roda.

Chegado, pôs-se a *bater* — 1
Na porta que nem um bruto;
Para em seguida querer
Abri-la com um charuto...

Era o resto da vinhaça
Lá no bucho a *fermentar*...
Ouve então chalaça
Dum «gajo» que ia a passar:

— Vai a coisa muito torta,
Caro vizinho Canuto...
Quere então abrir a porta,
Por fôrça, com um charuto?

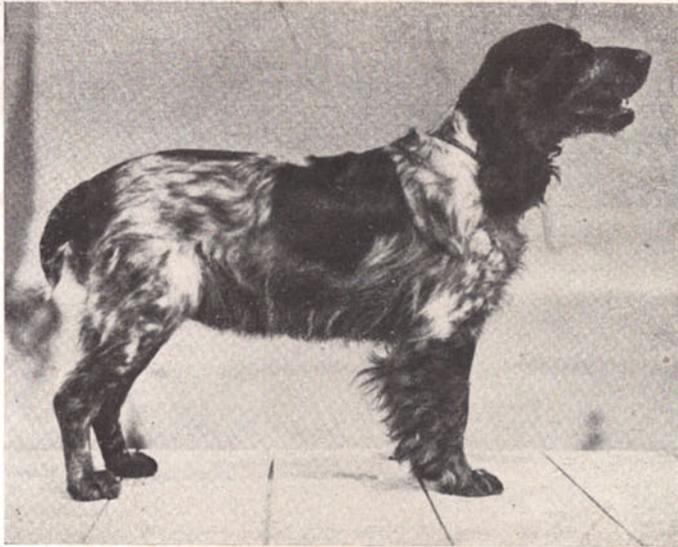
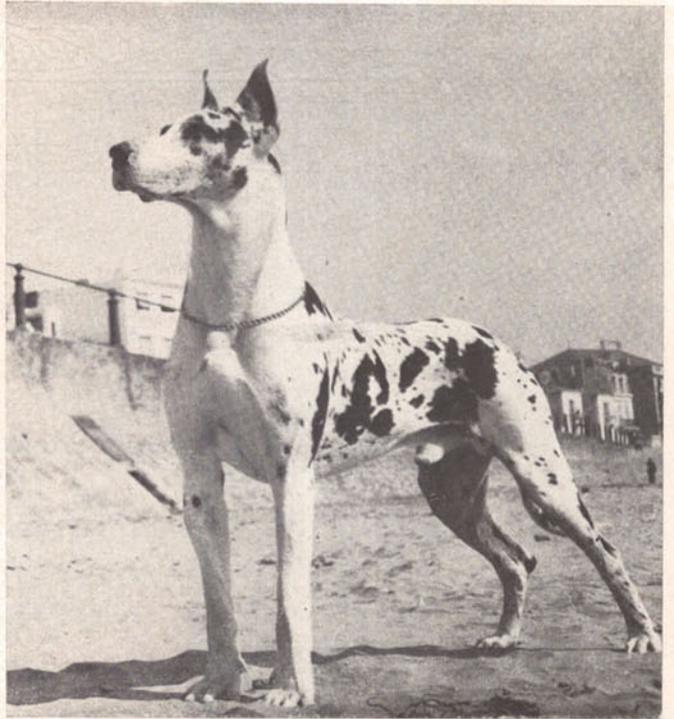
— Que diz? — protesta o borracho,
Aparentando um ar grave ..
Um charuto?... Mas, que diacho,
Teria fumado a chave?...
Lisboa — *Mad Ira*

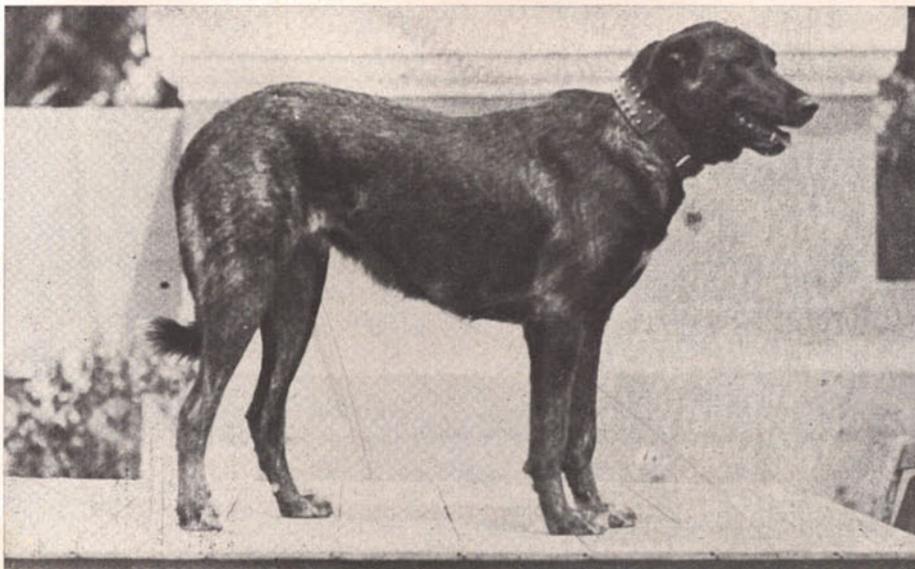
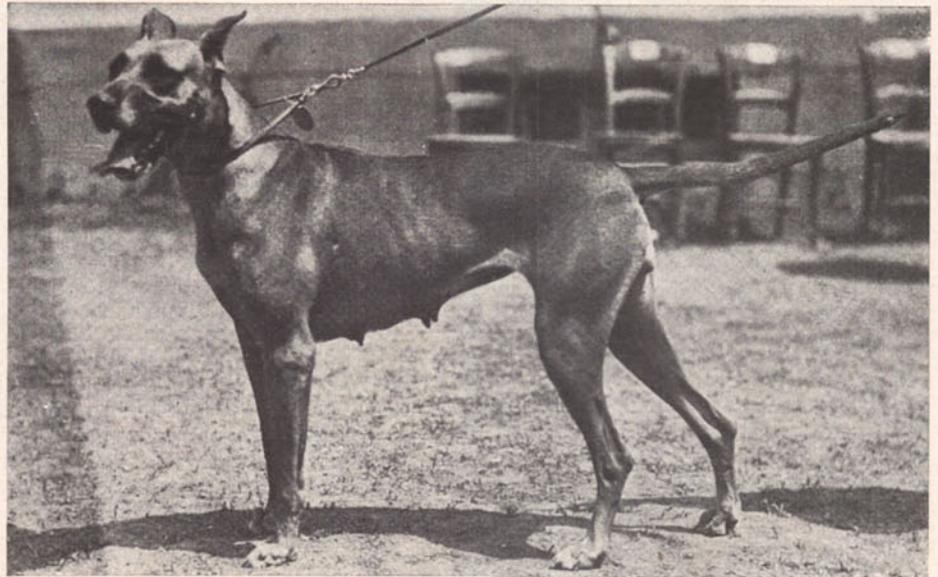
18) *Brilha* a giesta na serra... — 3
De Locarno só há «pato»...
Na Alemanha é que se encerra,
Sem *pena*, a paz ou a guerra, — 1
O paleio é tudo *ornato*...
Tomar — *Mar Saia*

SINCOPADA

19) Porque *leva* rosa ao peito,
Vai a Rosa sorridente...
Dá-lhe graça e certo jeito,
E' feliz, vive *contente.* — 3-2.
Colares — *Maria Luiza*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

8.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa

Cocker Spaniel «Truz Blue of Ware», 1.º premio C. A. F. e da classe dos casais, C. A. C. e C. A. C. I. B., Premio de Raça, Taças Spratt's, Luz e «of Carmo», propriedade de Fernando Espirito Santo Moniz Galvão. **A' Direita:** *Dogue alemão, campião internacional «Castor von Frauenberg, 1.º premio C. A. M., C. A. C., C. A. C. I. B., Taça Jardim Zoologico, Taça Prussia e premio de raça, propriedade do dr. Baron*

Nos dias 30 e 31 do passado mês de Maio realizou-se no Jardim Zoológico a 8.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa. O facto de pela primeira vez se distribuirem no nosso

Scottish-terrier «Albourne Mantilla», 1.º premio e premio de raça, pertencente a Reinaldo Pinto Basto. **A' direita:** *Dogue alemão «Elka von der Silberquelle», 1.º premio C. A. F., C. A. C. e C. A. C. I. B., propriedade de Luiz Brandão*

país C. A. C. I. B. (certificados de aptidão a campeonato internacional de beleza) atraiu a Lisboa expositores estrangeiros que vieram dar maior interesse ao certamen. O julgamento das raças reconhecidas pelo Kennel Club de Inglaterra foi feito pelo afamado juiz inglês Mr. Holland Buckley.

E' de esperar que o brilhante êxito conseguido pela Secção de Canicultura do Club dos Caçadores Portugueses sirva de estímulo à organização de maior número de Exposições dêste género, único modo de conseguir para a canicultura em Portugal o desenvolvimento que tem na maior parte dos paises civilisados, e que por muitas razões amplamente se justifica.

A' esquerda: *Serra da Estrela «Aracy Florestal, 1.º premio e taça dos Serviços Pecuarios, propriedade de Luiz Brandão*

A' direita: *Fox-terrier pelo curto, campião inglês «Wyrksop Flair», 1.º premio C. A. M., C. A. C. e C. A. C. I. B., propriedade de Reinaldo Pinto Basto*

O vaso de mangerico
Que me deste já murchou;
Foi tal qual o teu amor,
Que também pouco durou.

■

Muita gente desejava
Ter asas, para voar,
Eu, se as tivesse, buscava
Teus olhos para as queimar.

■

Bem sabes que te quis muito,
Mas tu nunca me quiseste.
De boa mente voltava
A todo o mal que me deste.

■

Santo António, São João,
Ouvi minha dor sem fim,
Procurai o meu amor,
Fazei que êle volte a mim.

■

Naquele rancho que passa,
Quantas dores há cantando.
A boca ri muitas vezes,
Quando os olhos vão chorando.

■

São João, santo das moças
E das mulheres casadas,
Quantas vezes te cantei
As alegres orvalhadas!

■

Dantes saltava as fogueiras
E as alcachofras queimava:
Se alguma ilusão morria,
Logo outra despontava...

Meu qu'rido Santo Antoninho,
Teus milagres já lá vão.
Se os fizesses, eu teria
Inda o rol no coração.

Disse que não te queria
Nem pintado à minha porta,
E agora, que te não vejo,
De saüdades ando morta.

■

Eu bem sei que me não amas,
Que só p'ra mim tens desdem.
Deixá-lo! Amar sem esp'rança
E' um mal que sabe bem.

■

O amor é sempre amor,
Mesmo mal correspondido
Quem nunca amou não conhece
Da vida o lindo sentido!

Devia "viver cantando,
Já que chorando nasci".
Mas quero à minha amargura,
Porque ela me vem de ti.

■

De que nos serve a fortuna
E a glória que valor tem,
Se não busca a vossa boca
A boca do vosso bem?!

■

No altar de Nossa Senhora,
Eu fui acender um círio
P'la vida de quem, um dia,
Foi meu bem e meu martírio.

■

Não precisava dos cravos
Que me mandaste, meu bem.
Meu coração anda cheio
De cravos do teu desdem...

■

Já tenho os dedos puídos
P'las contas do meu rosário.
Não há santo que me valha:
O homem é sempre vário.

■

Minha vida é noite escura,
Onde não brilha uma estrela.
Desde que de mim te foste,
Sou como barco sem véla.

■

O homem só tem na vida
Dois dias para contar:
Um, p'ra prometer amor...
Outro, para atraiçoar!

Mercedes Blasco.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Exposição do Livro Escolar Francês

Em fins do mês passado inaugurou-se na Biblioteca Nacional a Exposição do Livro Escolar Francês, acto a que presidiu o sr. ministro da França, acompanhado pelo sr. ministro da Educação Nacional, dr. Carneiro Pacheco. Assistiram os professores Warnier e Mosés Amzalac, membros do Conselho Permanente de Acção Educativa, e outras individualidades. O sr. ministro da Educação Nacional, proferiu algumas palavras em que prestou homenagem à cultura francesa e louvou a finalidade da exposição.

Embaixador do Brasil

O sr. dr. Artur Guimarães, novo embaixador do Brasil em Lisboa, foi no dia 2 dêste mês ao Palácio de Belem entregar as suas credenciais ao Chefe do Estado. Vinha acompanhado pelo chefe do Protocolo, sr. Mendes Leal e escoltado por um grupo de esquadrões de cavalaria da G. N. R.

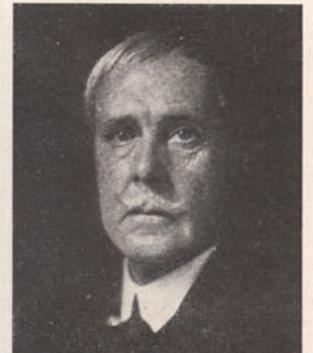
Foi introduzido na sala de recepções, onde se encontrava o sr. general Carmona, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, do Interior e da Marinha e pelo pessoal das suas casas civil e militar.

José de Esaguy

A obra monumental «Marrocos» que o ilustre escritor José de Esaguy acaba de concluir veio patentear-nos o que temos a esperar dêste tão concencioso investigador como prosador elegante e sugestivo. E a prova mais flagrante é que nos promete para bem breve um novo livro «O Infante Santo», em edição luxuosíssima, apresentando o desventurado filho de D. João I, tal como êle foi através da sua mortificada existência. Este novo trabalho de José de Esaguy vai causar sensação.

Na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro

Comemorando a passagem do X aniversário da Revolução Nacional, realizou-se no dia 28 de Maio, nos jardins da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, uma festa de homenagem ao Govêrno Português, na pessoa do seu representante diplomático, sr. dr. Martinho Nobre de Melo. A gravura mostra o embaixador português com as figuras mais representativas da colónia, por ocasião da cerimónia que decorreu com grande entusiásmo.

D. Albertina Saguer

A ilustre artista D. Albertina Saguer realizou com grande êxito, em 6 do corrente, no Salão do Conservatório, um brilhante recital, em que revelou as suas notáveis faculdades de pianista e o seu formosíssimo talento de poetisa e recitadora, tendo merecido os mais entusiásticos aplausos.

Antigos alunos da Escola Nacional

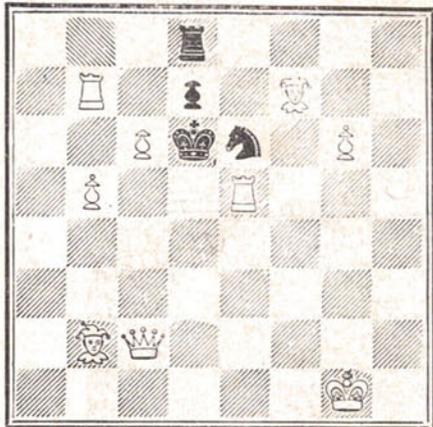
É da tradição que os antigos alunos da Escola Nacional se reunam uma veez por ano numa bela festa de confraternização, em que todos recordam com saüdade os bons tempos do estudante. A festa que reune sempre um grande número de pessoas, tevve êste ano particular animação. Algumas dezenas de pessoas que ocupam hoje as mais diverrsas posições sociais marcaram encontro em volta duma mesa sôbre que dominou o mais frranco espírito de camaradagem. Houve os habituais brindes, repassados de saüdade e emoção. Na fotografia, um grupo de convivas ao banquete.

Paiva Couceiro

A energia espiritual de Paiva Couceiro e a sua prodigiosa cultura intelectual patenteiam-se exuberantemente no «Soldado Prático» — último livro deste ilustre militar que tanto pugnou pelo engrandecimento do Império Português nas adustas paragens africanas. Lê-lo é criar alentos patrióticos.

Xadrez

(Problema)

Brancas 9 — Pretas 4

Jogam as brancas e dão *mate* em dois lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — 9.
Copas — V. 6, 4.
Ouros — R. 8, 6.
Paus — — — —.

Espadas — 10, 3, 2. | N | Espadas — 7, 6, 5.
Copas — — — —. | O E | Copas — 9, 7.
Ouros — 9. | | Ouros — — — —.
Paus — R. 7, 5. | S | Paus — V, 9.

Espadas — D. 8, 4.
Copas — 3.
Ouros — V.
Paus — D. 8.

Trunfo é ouros. *S* joga e faz as vasas tôdas.

Antiguidade da máscara

A origem das primeiras máscaras remonta às bacanais gregas e às saturnais romanas. Estas festas pagãs nunca se celebravam sem disfarces. Assim, para celebrarem os mistérios de Baco, as bacantes, sacerdotisas dêsse deus do vinho, corriam meias nuas, apenas cobertas com peles de tigre, a tiracolo, e fôlhas de parra em volta da cintura. Seguiam-nas uma multidão de ninfas e um cortejo numeroso de homens disfarçados de sátiros, de silenos, de orgipans.

Horácio atribui a invenção da máscara a Eschylo. Mas Aristoteles declara que no seu tempo era impossível ter uma opinião segura sôbre êste ponto, e já em Orfeu se trata de máscara, oitocentos anos antes de Eschylo a ter introduzido na cêna, em lugar de bôrra de vinho com a qual Thespis pintava a cara dos seus auctores. De resto, descobertas modernas permitem-nos presumir que a máscara já era conhecida dos egipcios e dos índios, anteriormente às festas de Baco.

Árvore prodigiosa

Uma das mais alentadas árvores de que há memória era um castanheiro que existia na Sicília há muito mais de um século e que não sabemos se lá existe ainda. Muitos viajantes falam dêle, entre os quais se conta o inglês Brydone, que o viu nos meados do século XVIII. Na aparência pareciam ser cinco árvores distintas.

Diz-se que o espaço entre elas era antigamente todo maciço, de madeira, constituindo assim uma só árvore.

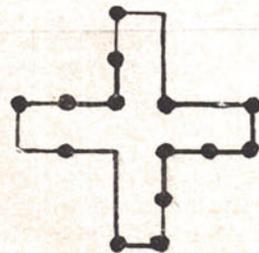
Brydone, que o refere, assegura que, ao princípio, não podia conceber como isto fôsse possível, porque as cinco árvores abrangiam um espaço de duzentos e qüarente pés de circunferência

Convenceu-se enfim, não só pelo testemunho dos habitantes das visinhanças, e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas também pela observação que fez nas mesmas árvores, nenhuma das quais tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Êste castanheiro era tão afamado que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado num antigo mapa da Sicília, publicado haveria mais de cem anos.

A língua francesa

Parece que no século XIII, os italianos reputavam o idioma francês mais clássico que a sua própria língua; de um manuscrito descoberto há bastante tempo, vê-se que Brunetto Latini, o mestre do Dante, compoz originariamente o seu livro, intitulado *O Tesouro*, em francês, declarando em formais palavras *que escrevia nessa língua, por ser a mais clara e elegante.* O nosso Fr. Luís de Sousa referindo-se ao século XIV, diz que então, *era a língua francêsa estimada e corrente entre os príncipes por cortesã e pulida.*

Subtracção de pontos

(Solução)

São seis os pontos que há a apagar.
Aqui se vêem os restantes quatorze pontos.

A invenção do microscópio

O microscópio foi inventado por Zacarias Jansen, natural de Middleborongk, em 1590. Em 1618, o napolitano, Francesco Fontana, pretendeu por sua vez, ter inventado, independentemente, o dito intrumento. Em 1619 o alquimista holandês Cornélio Drebbel deu a conhecer em Londres o instrumento de Jansen e construiu vários dêsses, em 1621.

O imortal filósofo Espinosa, de Amsterdam, descendente de judeus espanhois ganhara a sua vida cortando vidros para êsses instrumentos.

O maior alto-falante

Em 1935, construiu-se nos Estados-Unidos um alto-falante que é com certeza, o mais poderoso do mundo inteiro. Êsse aparelho que pode ser utilisado para dar sinais de alarme ou transmitir ordens nos navios, possui um motor da altura de 1^{m},20 aproximadamente; a sua membrana tem 1 metro de diâmetro e embora se não desloque, em tôda a pressão se não 0,63 $^{m}/_{m}$., da sua posição normal, a sua intensidade sonora é tão grande que conseguiu cobrir mais de mil vezes o estrondo ensurdecedor da catarata do Niágara.

Com êste alto-falante, a voz humana torna-se perceptível a muitos quilómetros de distância.

A dactilógrafa: — Olhe, sua esposa quer dar-lhe um beijo pelo telefone.
O dono do escriptório: — Schiu! Receba lá o recado e transmita-mo depois.

(Do *Humorist*)

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
" " " " carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA